

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

MAYRA MATTAR MORAES

O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO
O FAZER-SE DO DIA DA CLASSE TRABALHADORA EM SÃO PAULO
(1894 – 1918)

Guarulhos

2020

MAYRA MATTAR MORAES

O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO
O FAZER-SE DO DIA DA CLASSE TRABALHADORA EM SÃO PAULO
(1894 – 1918)

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para a
obtenção do grau em Bacharel e
Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Luigi Biondi

Guarulhos

2020

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais no 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

MORAES, Mayra Mattar

O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO: O fazer-se do dia da classe trabalhadora em São Paulo - (1894 – 1918) / Mayra Mattar Moraes / 2020 / 73f.

Trabalho de Conclusão de Curso / Bacharelado e Licenciatura em História – Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Orientador: Luigi Biondi

MAY DAY IN SÃO PAULO: The making of paulista working class' Labour Day (1894-1918)

1. História Social do Trabalho **2.** Classe Trabalhadora **3.** Festas Operárias **I.** Luigi Biondi **II.** O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO: O fazer-se do dia da classe trabalhadora em São Paulo - (1894 – 1918)

MAYRA MATTAR MORAES

O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO
O FAZER-SE DO DIA DA CLASSE TRABALHADORA EM SÃO PAULO
(1894 – 1918)

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para a
obtenção do grau em Bacharel e
Licenciada em História.

Aprovado em: 16/10/2020

Prof. Dr. Luigi Biondi

Prof^a. Dr^a. Edilene Toledo

Prof^a. Dr^a. Isabel Aparecida Bilhão

Guarulhos

2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Sumaya Mattar que sempre me incentivou a seguir meus sonhos e vontades com carinho e com amor e ao meu pai, Edson Martins Moraes, sempre presente e me empurrando para frente todas as vezes as que precisei. Agradeço imensamente por acreditarem em mim tantas vezes, por me apoiarem em todos os aspectos e pelo imenso privilégio que foi e é ter vocês como exemplo.

Ao meu irmão, Artur Mattar Moraes, pela vida, amor e brincados e por me ensinar a dividir, ser menos egoísta e saber que nunca estarei sozinha nessa vida porque partilhamos do mesmo sonho, sangue, sobrenome e o mesmo lado da trincheira.

Ao André, meu companheiro, que trouxe um pouco de sua imensa sensibilidade para a dureza e rigidez com que eu vejo as coisas, ampliando meus horizontes e me apresentado novas formas de viver e perceber o mundo.

Aos meus amigos, Thais, Thiago, Tadeu, Rafael, Bruno, Alisson, Amanda, Dudu e Paola por crescermos juntos, com diferenças, amor, lealdade e amizade. Ao Pedro, pelas conversas e amor que sempre me trazem outras perspectivas.

Agradeço aos professores do curso de História pela dedicação, respeito, carinho e atenção que de sempre tiveram com os alunos e em especial às Professoras Edilene e Patrícia e aos professores Luís Filipe e Clifford. Também dedico um agradecimento especial à professora Márcia D'Alessio, com quem aprendi muito sobre história e cuja a própria história me inspirou.

Agradeço também à professora Isabel Aparecida Bilhão que aceitou participar da banca e pelas imensas contribuições.

Claro, e não menos importante, ao professor Luigi Biondi, meu orientador, com quem tive a oportunidade de estar em duas Iniciações Científicas e agora na monografia e que com muita paciência, dedicação e atenção sempre esteve disponível para uma conversa e atencioso com meu trabalho e angústias. Obrigada!

Agradeço pelas oportunidades que tive e tenho na vida. Sigo lutando para que o que hoje são privilégios sejam direitos de todos e todas. Viva a Universidade Pública!

RESUMO

Esse trabalho monográfico aborda a realização do eventos do Dia Primeiro de Maio - Dia do Trabalhador - na cidade São Paulo através de descrição densa desde sua primeira edição em 1894, passando pelas greves gerais de 1907 e 1917 e chegando até 1918. O objetivo foi traçar um panorama das manifestações, encontrando através de fontes de jornais operários os locais onde ocorreram, como foram organizadas e por quem, se houve ou não participação efetiva da classe trabalhadora, se houve ou não repressão e se os eventos ajudaram na organização dos processos que se seguiram depois, bem como na própria organização operária.

Na primeira parte do trabalho parte-se dos conceitos de tradição, de identidade e de consciência da classe trabalhadora sob uma perspectiva thompsoniana, apresentando um breve resumo das origens do Primeiro de Maio enquanto uma resolução da Segunda Internacional Socialista, influenciada pela greve de 1886 dos trabalhadores de Chicago, a qual notoriamente resultou na morte dos seus organizadores, conhecidos a partir de então como *Mártires de Chicago*. Na segunda parte discute-se a chegada da data no Brasil e sua organização transnacional, a partir da industrialização da cidade e do trabalho livre e assalariado.

Por fim, apresenta e descreve os eventos ocorridos em São Paulo sob dois recortes temporais, sendo o primeiro até 1908, um ano após a primeira greve geral, e o segundo, até 1918, um ano após a segunda greve geral. Na última parte do trabalho debate-se os objetivos propostos a partir de uma reflexão feita sobre os eventos e sua ocorrência, pensando na formação da classe operária paulista e a influência ou não do Primeiro de Maio em seu fazer-se.

Palavra-chave: História Social do Trabalho; Classe Trabalhadora; Primeiro de Maio.

ABSTRACT

This monographic work addresses the holding of the events of May Day - Labor Day - in the city of São Paulo through a thick description from since its first edition in 1894, passing through the general strikes of 1907 and 1917 and finally reaching 1918. The objective was to outline an overview of the manifestations, finding in sources of workers' newspapers the places where they occurred, how they were organized and by whom, whether or not there was effective participation of the working class, whether or not there was repression and whether the events helped in the organization of the processes that followed, as well as in the workers' organization itself.

The first part of this work starts from the concepts of tradition, identity and conscience of the working class from a Thompsonian perspective, presenting a brief summary of the origins of May Day while a resolution from the Second Socialist International, influenced by the 1886 strike of the Chicago workers which famously resulted in the death of their organizers, known since then as The Chicago Martyrs. The second part of the work discusses the arrival of the date in Brazil and its transnational organization, based on the industrialization of the city and free and salaried work.

Finally, it presents and describes the events that took place in São Paulo under two time frames, the first being until 1908, one year after the first general strike, and the second until 1918, one year after the second general strike. In the last part of the work we debate the proposed objectives reflecting about the events and their occurrence, thinking about the formation of São Paulo's working class and also if there was or not influence of the May Day in its making of itself.

Key-words: Social Work History; Working Class; Labor Day

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	2
1. BREVE HISTÓRICO DO PRIMEIRO DE MAIO	
A classe trabalhadora é internacional.....	10
2. O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO entre 1894 e 1908	
A jornada de trabalho e a Primeira Greve Geral.....	18
3. O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO entre 1908 e 1918	
Os comitês de Carestia de Vida e Contra a Guerra e a Greve Geral de 1917.....	34
4. A CLASSE OPERÁRIA CONSTRÓI O SEU DIA - PRIMEIRO DE MAIO: O DIA DO TRABALHADOR	
Características, invenções, continuidades e rupturas.....	53
FONTES.....	71
BIBLIOGRAFIA.....	73

INTRODUÇÃO

O Primeiro de Maio é uma data organizada, celebrada, disputada e lembrada todos os anos, seguidamente, desde a decisão de sua execução pela Segunda Internacional Socialista, em 1889, em todos ou quase todos os países do mundo até os dias de hoje. Ela ocupa simultaneamente o imaginário popular e o calendário sindical, partidário, político e estatal em um embate que é, inclusive, semântico, já que ora é afirmado como “Dia do Trabalhador” por sindicatos e agremiações políticas e ora é lembrado, sobretudo pelo poder público e calendário nacional, como feriado do “Dia do Trabalho”.

Esta monografia de conclusão de curso parte de duas pesquisas realizadas anteriormente, contempladas pelo Programa Institucional de Iniciação Científica-Pibic, sendo a primeira com recorte entre 1894 e 1908 e a segunda entre 1908 e 1918, ambas sobre a cidade de São Paulo.

A escolha desta localidade se deu porque ela passou por intensas transformações no final do século XIX e no início do século XX, tornando-se industrializada e com intenso fluxo de imigrantes vindos, sobretudo, da Itália, Espanha e Portugal, mas também do interior paulista e sul de Minas Gerais e recebendo um grande número de escravizados. O *boom* demográfico, associado às mudanças nacionais e internacionais, favoreceram um espaço fértil de organização política e sindical, acompanhando o movimento mundial.

O período de 1894 a 1908 se justificou porque em 1907 houve uma Greve Geral, escalonada e dirigida por associações de trabalhadores e pela então recém fundada Federação Operária de São Paulo (FOSP), cuja pauta principal era a jornada de 8h de trabalho nas fábricas, programa do Primeiro de Maio no Brasil e no mundo até aquele momento. O Primeiro de Maio daquele ano refletiu essa mudança organizacional e de conteúdo. A partir de 1908, no entanto, há uma virada e uma sofisticação do movimento operário, que passou a incorporar outras demandas às suas reivindicações. Nesse sentido, o segundo recorte é importante porque ocorreu no período entre greves, no qual houve uma pulverização de pautas e ampliação de demandas e terminou um ano após a Greve Geral de 1917. A sofisticação do movimento operário paulista foi fruto de conjuntura nacional e internacional e do acúmulo de experiências, formas organizacionais e repertório construídos pela classe ao longo desse período.

Os objetivos principais da pesquisa foram compreender como a classe trabalhadora se identificava na cidade a partir de sua participação no evento; a pauta e programa propostos pelas organizações em cada um dos anos; localizar e encontrar os Primeiros de Maio ocorridos na cidade; demarcar onde ocorreram; quem organizou; se foram abertos ou fechados; e se houve ou não repressão. Além disso, tem como objetivos secundários encontrar as diferenças entre os grupos políticos e suas complexidades; os meios de divulgação dos eventos e o balanço posteriores; os debates feitos publicamente e a atuação e disputa pela data do Estado e da patronal; e investigar se a realização ou não do Primeiro de Maio contribuiu para organizar os processos de luta que se seguiram e as organizações de trabalhadores.

Os jornais e periódicos operários foram as principais fontes usadas para a escrita da monografia. Eles se encontram nos acervos do Arquivo Edgard Leuenroth - AEL, da Universidade de Campinas – UNICAMP e no Centro de Documentação e Memória – CEDEM - da Universidade Estadual Paulista, UNESP. Foram utilizadas as edições de 29, 30 de Abril, todas do mês de maio disponíveis e, em alguns casos, também as edições de outubro e novembro, por se tratarem de memoriais feitos aos *Mártires de Chicago* em jornais anarquistas.

Para cotejar informações, preencher lacunas a respeito de anos em que não apareceram informações suficientes e conhecer parcialmente o discurso utilizado pelo poder público, ainda que esse não fosse o objetivo principal, foram utilizados jornais de grande circulação na cidade de São Paulo, disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no Arquivo Público do Estado de São Paulo e em acervos virtuais próprios, como o do jornal O Estado de S. Paulo.

Esse trabalho apresenta quatro capítulos, além da introdução. Na introdução buscamos falar das bases e pressupostos teóricos que regeram a pesquisa e o trabalho. No primeiro capítulo apresentamos um breve panorama geral do Primeiro de Maio, a história de sua criação e as diferenças entre manifestações populares e operárias, bem como as divergências entre as correntes militantes do período. No segundo e no terceiro capítulo realizamos uma descrição densa das manifestações de Primeiro de Maio em São Paulo no recorte temporal de 1894 a 1907, no segundo capítulo e de 1908 a 1918 no terceiro. No quarto e último capítulo, por sua vez, buscamos analisar os Primeiros de Maio ocorridos, à luz da descrição feita nas partes anteriores do texto.

O tema das efemérides, ou das festas operárias, é algo trabalhado por alguns historiadores mas ainda sim é um pouco explorado e muitas vezes tratado como secundário e em São Paulo ainda não havia um levantamento descritivo feito ano a ano a partir das vozes dos trabalhadores e militantes através dos jornais operários no período recortado. Nesse momento permito-me falar brevemente das minhas motivações e relação a esse tema, já que sou eu mesma uma trabalhadora – professora – sindicalizada e com experiências partidárias e de organização política. Sempre me chamou a atenção a questão do calendário celebrativo da classe trabalhadora para além da organização das lutas e greves. O que faz com que trabalhadores se associem para celebrar em conjunto com seus pares? Quais são essas festas e como surgiram? Sabemos que essas organizações e expressões são historicizadas, como, por exemplo, o próprio Primeiro de Maio que tornou-se estatal e pertencente a um calendário oficial a partir de Getúlio Vargas e o Estado Novo¹, mas, exatamente por ter história que necessitam ser esmiuçados e investigados de acordo com suas mudanças e adesão dos trabalhadores ao longo do tempo.

A identificação dos trabalhadores não somente em momentos de luta, mas de celebração e resistência, também fala sobre o estado da classe trabalhadora em momentos diferentes da história, já que essa organização exige também uma simpatia e assimilação de ideias. Quer dizer, associar-se e identificar-se são também escolhas que são feitas coletiva e individualmente. É possível saber muito sobre a classe trabalhadora de determinado período a partir das comemorações e celebrações também. O Primeiro de Maio, está inserido especialmente nesse contexto, já que o ano dos trabalhadores é de “maio a maio” a depender de como se encontra a classe trabalhadora em cada período.

Como fruto de duas iniciações científicas que foram basicamente descritivas, para a realização da monografia havia, portanto, uma questão a ser sanada em relação à metodologia usada para a escrita do trabalho. O conceito metodológico da “descrição densa” foi mutuado no campo da história a partir da obra do antropólogo Clifford Geertz². Apesar das críticas à antropologia interpretativa geertziana realizadas por Giovanni Levi³, que chamou a atenção para certas limitações da interpretação das culturas no campo da

-
- 1 BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista” in: **Revista Brasileira de História**. São Paulo,
 - 2 GEERTZ, Cliford. “Capítulo 1: Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: Zahar Editores, 1978.
 - 3 LEVI, Giovanni. “Os perigos do geertzismo” in: **Revista de História Social**. Nº 06. Campinas, 1999. pp. 137-146

história, este considerou positivamente a metodologia, e considerou importante a reintrodução das narrativas descritivas na análise histórica:

A descrição densa serve, portanto, para registrar por escrito uma série de acontecimentos ou fatos significativos que de outra forma seriam imperceptíveis, mas que podem ser interpretados por sua inserção no contexto, ou seja, no fluxo do discurso social.⁴

Nesse sentido, apesar da opção metodológica de realizar dois capítulos quase que inteiramente descritivos e um mais especificamente analítico, tivemos como objetivo não tratar a história como uma ciência exata, rígida e determinada por estruturas e sistemas, mas pelas relações dos trabalhadores com sua manifestação popular mais importante, seus partidos e direções, com o meio em que viveram e com suas necessidades, demandas e, sobretudo, identidade de classe.

Tendo esse contexto como pressuposto, esta pesquisa partiu de referenciais teóricos e metodológicos de Edward Palmer Thompson. Para Thompson, a classe operária se forma nas relações de antagonismo com a burguesia, através de suas práticas políticas e culturais, nas quais se estabelecem os ritos e os modos de vida dos operários, criando consciência de classe e consolidando seus mecanismos de defesa como sindicatos, associações de auxílio mútuo, jornais, instituições educativas e entre outras. De acordo com o autor⁵

A experiência de classe é determinada em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram - ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.

Assim, Thompson argumentou que a classe trabalhadora usava os meios disponíveis em seu repertório, como boicote, destruição de máquinas, invasão de propriedade, manifestações e processos jurídicos, contra os proprietários e nobres e criavam novos a

4 LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história" In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 141-142.

5 THOMPSON, Edward Palmer. "Prefácio" in: **A formação da classe operária inglesa – A árvore da liberdade. Vol. 01**. São Paulo: Paz & Terra, 2017 pp. 10

partir das necessidades concretas do período⁶. A consciência de classe é, portanto, um momento no qual as diferenças entre si deixam de ter importância frente à unidade em prol da manutenção de costumes ou para conquistas de direitos trabalhista e sociais em oposição à burguesia, e utilizando métodos próprios da classe, cujo repertório faz parte da cultura. Dessa forma, se trata de autoidentificação construída e percebida em oposição à identidade burguesa⁷.

Este trabalho se filia, portanto, à ideia de que os trabalhadores se reúnem, se agrupam e se manifestam de acordo com suas necessidades e com aquilo que acreditam ser melhor para si enquanto coletivo, de forma consciente, sofisticada e usando as ferramentas e mecanismos disponíveis para sua organização e luta naquele momento, de forma dinâmica e nem sempre previsível. Nesse sentido, tentamos entender o Primeiro de Maio como uma dessas manifestações que tornou-se ritual desde o primeiro momento em que ocorreu e que, assim sendo, é um objeto de estudo em si mesmo, mas também traz evidências de situações concretas que ocorreram com a classe trabalhadora, com a burguesia, Estado, economia e outras situações que podem unir a classe em maior ou menor identidade, consciência e vontade ou necessidade de se manifestar em determinado momento histórico. É, ao mesmo tempo, um evento organizador e um sintoma do estado da classe trabalhadora.

Marcel Van Der Linden em seu livro “Trabalhadores do mundo: ensaios para um história global do trabalho”⁸, fez um debate sobre as mudanças no estudo da classe trabalhadora no início do século XXI. De acordo com o autor, havia uma tendência a estudar o trabalhador operário do gênero masculino, dos grandes centros urbanos, dos países de capitalismo industrial avançado e transportar, quase que mecanicamente, essa visão para os países da América Latina e Caribe, Sul da Ásia e África. Para ele, ainda, a família do trabalhador operário era vista de forma externa, sem incluí-la na história desses trabalhadores, descolando sua organização de seu local de moradia, do lazer, das relações sociais, religiosas e etc, como se houvesse um ser na fábrica e outro em sua casa.

6 THOMPSON, Edward Palmer. “Costume, Lei e Direito Comum” *in*: **Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia das letras, 2015 pp. 86-148

7 THOMPSON, Edward Palmer. “Prefácio” *in*: **A formação da classe operária inglesa – A árvore da liberdade. Vol. 01**. São Paulo: Paz & Terra, 2017 pp. 13

8 VAN DER LINDEN, Marcel. “Introdução”. **Trabalhadores do Mundo: Ensaios para uma história global do trabalho**. Campinas: Editoria UNICAMP, 2013

Para Van Der Linden, há uma tendência atual de superar a questão eurocêntrica e nacionalista de análise da classe trabalhadora na qual os países de capitalismo desenvolvido são tratados como civilizados e já experimentados e, assim, levaram de forma unilateral suas experiências de classe para os países emergentes, os quais aprenderam a se organizar em sindicatos, fazer greves e etc a partir da imigração. Essa lógica está embebida de toda uma questão evolucionista e eurocêntrica que pressupõe a ideia de que todos os países e pessoas do mundo passarão, necessariamente, pelos mesmos percursos e sentidos da história. De acordo com o autor⁹

Os *nacionalistas metodológicos*, segundo meu argumento, são vítimas de dois erros intelectuais graves. Em primeiro lugar, eles “naturalizam” o Estado-nação. Com isso, quero dizer que eles consideram o Estado-nação como sendo a unidade analítica básica e autoevidente da pesquisa histórica. (...) Lidamos aqui com uma falsa teleologia que deveria ser radicalmente abandonada. De uma perspectiva global, a existência de Estados-nação, obviamente, continua sendo um aspecto essencial do sistema mundial. No entanto, é um aspecto que precisa ser totalmente historicizado e relativizado em face de aspectos subnacionais, supranacionais e transnacionais.

Em segundo lugar, os nacionalistas metodológicos fundem *Sociedade com Estado e território nacional*. Ou seja, eles partem do pressuposto de que as “sociedades” (formações sociais) são geograficamente idênticas aos Estados-nação. (...) Talvez devêssemos pensar mais profundamente sobre a afirmação de Michel Mann, de que as sociedades são “redes socioespaciais múltiplas de poder [ideológico, econômico, militar e político] que se sobrepõem e se entrecruzam. Portanto, as sociedades não são unitárias (...).

Para o autor há, portanto, a necessidade de historicizar a ideia de Estado-nação, inclusive porque ela se aplica de forma diferente em países não europeus e mesmo entre os europeus. No recorte específico deste trabalho, por exemplo, no Brasil fazia apenas seis anos da proclamação da Lei Áurea que aboliu oficialmente a escravidão no país e, embora seja bastante comum tratarmos na historiografia do período como uma transição entre o trabalho escravo para o trabalho livre, isso nem sempre significou trabalho assalariado. Além da permanência da escravidão ilegal em diversas partes do país, a servidão assumida por dívida, como era o caso de muitos imigrantes nas lavouras paulistas e cariocas, foi majoritária em grande parte do período¹⁰. Nesse sentido, além de não ficar restrito a ideia nacional de classe trabalhadora, Van Der Linden também

9 Idem.

10 LARA, Silvia Hunold. “Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil”. In: **Revista Projeto História**. Nº 16. São Paulo, 1998 pp. 25-38

expandiu a própria ideia de classe trabalhadora para além dos mecanismos exclusivamente de classe como sindicatos e associações. De acordo com ele¹¹

A ação coletiva dos trabalhadores pode ser definida como uma ação mais ou menos coordenada por parte de um grupo de trabalhadores (e, talvez, seus aliados), visando a atingir um objetivo específico, que eles seriam incapazes de alcançar individualmente, dentro do mesmo período de tempo e pelos meios a eles disponíveis.

Portanto, as ideias de classe e de organização de classe mudam quando passam a abarcar ações tanto de pressão popular, como greves, passeatas, manifestações que visam necessariamente obter alguma conquista ou defesa de ataques, quanto de auxílio mútuo e solidariedade, como fundos para compra de alimentos, para saúde e apoio à viúvas e órfãos, que não têm o objetivo de alterar a situação, mas de se fortalecer e se amparar coletivamente ou obter garantias do poder público.

Cláudio Batalha¹² desenvolveu grande pesquisa sobre a formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro, pensando suas associações, suas práticas e seus rituais. Para o autor, existem dois significados que se podem dar para o termo cultura associativa. O primeiro refere-se à tendência a associar-se, ou seja, agrupar pessoas em torno de razões em comum através de organizações como lazer, esporte, associações de bairro e de auxílio mútuo, por exemplo. Essas associações não tem, necessariamente, um caráter classista. Já o segundo sentido diz respeito a uma cultura de associações, nas quais os trabalhadores e operários se aglutinaram tendo também amplitude de temas e áreas, mas com o caráter de classe como orientador principal de suas organizações. De acordo com o autor¹³

Por cultura entende-se não apenas a produção cultural, no sentido de peças de teatro, conferências, música, mas celebrações, os costumes, as normas que regiam as associações operárias. Em outras palavras, como através dessas práticas e desses rituais os membros de associações percebiam o mundo e a si mesmos.

11 VAN DER LINDEN, Marcel. "Introdução". **Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho**. Campinas: Editoria UNICAMP, 2013 pp. 19

12 BATALHA, Claudio H.M. "Cultura Associativa no Rio de Janeiro". In: BATALHA, Claudio. SILVA, Fernando Teixeira de. FORTES, Alexandre (orgs). **Cultura de Classe – Identidade e Diversidade na Formação do Operariado**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005

13 Idem, pp. 97

Para Batalha, as práticas e rituais operários se constituem como uma linguagem própria em oposição às práticas dominantes, mas não só, em oposição às práticas populares também. A cultura operária é, dessa maneira, própria e obedece às suas formas de agir e pensar demarcadas pelo cotidiano das associações de classe, mas também no discurso escrito. Segundo o autor é “um conjunto de valores compartilhados pelas associações operárias”¹⁴, e que muitas vezes tem suas simbologia e prática que remontam a formas de organização mais antigas.

Um dos rituais mais comuns entre as associações de classe é o do calendário celebrativo, ainda de acordo com Batalha. Cada sociedade operária tem entre seus valores celebrados datas mais ou menos importantes com as quais esteja associada, além de dias como eleição de gestão e diretoria, aniversário da associação e entre outras, podendo ter ou não comemoração ou ainda, ao menos, menção à data em meios comemorativos ou jornais, panfletos etc. Entre essas datas, o Primeiro de Maio é a “mais importante, aquela que durante mais tempo e com maior regularidade foi observada, e uma das mais universais”¹⁵, apesar de ter desde o início no Brasil divergências de concepção que iam desde o luto pelos *Mártires de Chicago*, até a participação em festas patronais. Apesar de todas as divergências e diferenças que o Primeiro de Maio teve entre as organizações operárias e militância, o seu caráter ritualizado é um ponto claro em comum em todas as formas de comemoração.

O Primeiro de Maio é, dessa maneira, inserido nesse contexto de essencial importância de estudo e aprofundamento por ser ao mesmo tempo uma festa e uma manifestação local e internacional, organizada por mecanismos de classe e populares com demandas de extrapolam às questões corporativas e que tem uma história de luta de resistência e de disputa entre militância organizada, patronal e Estado.

14 Idem, pp. 99

15 Idem, pp. 105

1. BREVE HISTÓRICO DO PRIMEIRO DE MAIO

Não somente isto, mas os trabalhadores hoje reunidos em solemne comício declaram ser necessario que em todas as manifestações o fim principal do movimento socialista é, em primeiro lugar, pedir a inteira renovação do systema economico, político e social da actual sociedade.

Viva o socialismo!

Jornal O Socialista¹⁶

A classe trabalhadora é internacional

O início da comemoração ou manifestação do Primeiro de Maio se deu em um momento de aumento no número de trabalhadores do setor secundário e operários, num contexto de capitalismo global¹⁷. Apesar de ser uma data na qual a unidade entre as distintas correntes militantes como republicanos sociais, anarquistas, socialistas e sindicalistas, nas suas diversas subdivisões, se expressou diversas vezes, o Primeiro de Maio foi uma invenção, uma deliberação da II Internacional Socialista em seu congresso de fundação em Paris, em 1889. De acordo com Michelle Perrot¹⁸, essa decisão tinha três características, sendo a primeira educativa, com a função de ensinar para os trabalhadores sobre o internacionalismo proletário, bem como sua força e capacidade, e a segunda era a de demonstrar essa força não só para a própria classe, mas para os poderes públicos e o Estado, como mediador entre os anseios da classe trabalhadora e a burguesia. Essas duas primeiras intenções se firmariam através da escolha de uma data única, com mesmo programa e ao mesmo tempo. O Primeiro de Maio durante muito tempo teve como reivindicação não única, mas principal, a jornada de 8 horas de trabalho.

A resolução da Segunda Internacional foi, portanto, a de orientar todos os partidos que estivessem em suas seções nacionais a seguir a deliberação tirada. Segundo ela,¹⁹

Será organizada uma grande manifestação internacional com data fixa, de modo que, em todos os países e em todas as cidades ao mesmo tempo, no mesmo dia marcado, os trabalhadores intimem os poderes públicos a reduzir legalmente a jornada de

16 Jornal O Socialista – Edição de 22 de Maio de 1898

17 HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

18 PERROT, Michelle. “Capítulo 5: O primeiro Primeiro de Maio na França (1890): nascimento de rito operário”. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. pp. 127-164

19 Idem. pp. 129-130

trabalho a oito horas e a aplica outras resoluções do Congresso Internacional de Paris. *Considerando que uma manifestação semelhante já foi decidida para o Primeiro de Maio de 1890 pela American Federation of Labour, em seu congresso de dezembro de 1888, realizado em Saint Louis, adota-se esta data para a manifestação.* [Grifos nossos]

A terceira característica era, portanto, afiliar-se à decisão tomada nos Estados Unidos, em 1888 pela AFL (American Federation of Labour) e pelos Cavaleiros do Trabalho (Knights of Labour). A decisão americana era uma homenagem aos “Mártires de Chicago” e tinha caráter solene, de luto, bastante diferente da marcha planejada pela Internacional.

A demanda das oito horas de trabalho já era debatida ao menos desde 1864 pela Primeira Internacional (Associação Internacional de Trabalhadores – AIT), mas tomou fôlego com a greve feita pelos operários fabris, imigrantes e anarquistas em Chicago, em 1886²⁰ sob a organização da AFL e dos Cavaleiros do Trabalho. A greve foi planejada e organizada durante dois anos e durou três dias com ampla participação dos trabalhadores.

A greve começou no dia 1º de maio de 1886, um sábado, com um grande comício que terminou pacificamente e auxiliou na disseminação e organização da greve²¹, que continuou na segunda-feira. A imprensa nacional e os industriais de Chicago ficaram em polvorosa e exigiram a repressão, o que foi prontamente atendido no dia 03 de maio. Em meio a um comício na porta da fábrica McCormick Haverster, a polícia abriu fogo e matou seis operários. A ação policial causou tanta comoção que um grupo grande de trabalhadores saiu em passeata fúnebre no dia 04 de maio na Praça Haymarket. Enquanto os operários velavam seus mortos, houve um atentado a bomba que vitimou cerca de 60 pessoas e entre eles trabalhadores e suas famílias, mas também policiais. O evento encerrou a greve e abriu um enorme precedente à repressão estatal e patronal aos operários de Chicago.

Apesar de os responsáveis nunca terem sido encontrados, os líderes e dirigentes da AFL e dos Cavaleiros do Trabalho foram presos, os imigrantes anarquistas e socialistas August Spies, Sam Fielden, Oscar Neeb, Adolph Fischer, Michel Schwab, Louis Lingg e

20 CARONE, Edgarg. “A II Internacional e seus Congressos” in: **Revista Novos Rumos**, número 20 vol. 06. Marília: Editora da Unesp, 1996.

21 WERNER, Antonio Federico. “Passado e Presente do Dia 1º de Maio”. In: **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. Belo Horizonte. Vol. 03, nº 02 – agosto-dezembro, 2005. pp. 148-152.

Georg Engel, que ficaram conhecidos como os *Mártires de Chicago*. O julgamento dos trabalhadores gerou uma grande comoção e ocorreu muito rápido, durando de junho a outubro e condenando todos como culpados. Dia 11 de novembro Spies, Engel, Fischer e Parsons foram executados. Lingg havia suicidado²².

De acordo com José Luiz Del Roio²³

A semente lançada já brota, cresce e logo dará seus frutos. Estavam para se transformar no símbolo da luta de todos os trabalhadores do mundo. Quando a AFL realiza seu congresso em dezembro de 1888, para fazer um balanço dos acontecimentos dos últimos anos, surge a proposta para se realizar nova greve geral em 1º de maio de 1890, a fim de se estender a jornada de oito horas às zonas que ainda não a haviam conquistado. Tal fato, ainda que não estivesse nos planos dos organizadores, terá repercussão mundial.

A maneira como foi – e é – tratado o Primeiro de Maio por anarquistas e socialistas foi razão de grande divergência entre ambos os grupos e se refletiu em amplas discussões. De acordo com Del Roio, a AFL julgava que os socialistas haviam transformado sua data de luta em festa, além de discordar da exigência em relação ao Estado²⁴. Para os anarquistas presentes no Brasil no início do século XX, a Greve Geral era o mecanismo de obtenção de direitos e de construção de uma nova sociedade, sem que houvesse exigência por parte do poder público. Era na experimentação de luta e organização que os trabalhadores construiriam uma nova sociedade. Já para os socialistas, todos os mecanismos de organização e conquista poderiam ser usados pela classe para melhora de suas condições de vida, até que estivessem preparados para a revolução.

No Brasil o crescimento industrial no sul e sudeste foi concomitante à chegada de imigrantes, sobretudo para certas capitais estaduais, como São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e, posteriormente, Belo Horizonte. O período foi caracterizado por um fenômeno global de maior integração nacional. Uma das consequências desse aumento da classe trabalhadora urbana e sua reformulação no período pós-abolição foi a formação de amplos bairros populares e operários, com locais específicos de moradia e sociabilidade,

22 DEL ROIO, José Luiz. “Capítulo III: A Internacional”. In: *A história de um dia 1º de Maio*. São Paulo: Editora Ícone, 1998. pp. 25-35

23 Idem. pp. 35

24 Idem. pp. 47

favorecendo a formação de culturas operárias diversas mas unificadas em torno da condição de trabalhador, com modos de vida, expressões e organizações próprias²⁵.

O Primeiro de Maio, nesse sentido, se inseriu em um contexto tanto transnacional quanto de expansão da classe trabalhadora demonstrando que ela não estava somente dentro da fábrica, mas que suas famílias e bairros também eram parte do contexto laboral, mesmo tendo ora expressões populares e ora expressões trabalhistas. A família é indissolúvel do trabalhador. Ela é, antes, uma família trabalhadora.

Para Isabel Bilhão²⁶, construção identitária da classe trabalhadora se dá através da cultura, costume, tradição e comunidade, a partir das interações sociais entre sujeitos e grupos como a pressão, a negociação e etc. A consciência de classe é, portanto, histórica e inter-relacional, o que faz com que a classe trabalhadora se identifique em oposição à burguesia, mas também em oposição às “classes perigosas” de não trabalhadores. De acordo com a autora²⁷

Isso significa dizer que a construção da consciência de pertencimento a uma classe é indissociável da percepção identitária que os operários constroem entre si e em relação a outras classe sociais.

A decisão da Internacional Socialista ocorreu um ano depois da Lei Áurea no Brasil e num momento de aumento da imigração (1888). As leis trabalhistas eram incipientes e muitas vezes inexistentes ou restritas a alguns estados e locais de trabalho. De acordo com Biondi²⁸, por exemplo, muitas vezes os trabalhadores mantinham com seus empregadores contratos verbais e esporádicos, com grande variação salarial para a mesma função e hora de trabalho. A semana inglesa não era exatamente uma realidade havendo também bastante variação de dias trabalhados a depender da economia e da produção. Em momentos em que havia mais produção, as fábricas podiam funcionar com trabalho de até dezesseis horas por dia e seis dias por semana, em momentos de crise ou da Primeira Guerra, por exemplo, os operários podiam trabalhar nas fábricas apenas dois ou três dias

25 HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

26 BILHÃO, ISABEL. “A construção da identidade operária brasileira: aspectos de uma trajetória historiográfica (do nacional ao local)”. In: **Revista Mundos do Trabalho**, vol. 02, nº 04, agosto-dezembro, 2010. pp. 218-234.

27 Idem. pp. 221

28 BIONDI, Luigi. “Caminhos: Republicanos e Socialistas italianos no fim do século XIX”. In: **Classe e Nação. Trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011

na semana ou os empregadores preferirem crianças e mulheres com salários mais baixos.

Os trabalhadores, no entanto, eram motivados pela movimentação internacional pelas oito horas de trabalho e pelo Primeiro de Maio, já que circulavam materiais a respeito disso pelo país desde pelo menos 1891²⁹. A primeira tentativa em São Paulo foi em 1894, mas não deu certo. Segundo Del Roio³⁰

Em uma reunião de socialistas e anarquistas em abril de 1894, em São Paulo, a qual pomposamente denominam de Segunda Conferência dos Socialistas Brasileiros, decidem aprovar as resoluções do Congresso de Paris de 1889 e comemorar o próximo 1º de maio. Infelizmente nada puderam fazer naquele ano porque a polícia interrompe a reunião e os leva presos. (...) Os italianos permaneceram no xadrez durante oito meses, os brasileiros apenas alguns dias.

Desde 1892 o PSI (Partido Socialista Italiano) já mantinha no Brasil uma Comissão Socialista em São Paulo e, desde 1893, Alcibiade Bertolotti e Galileo Botti organizavam o Centro Socialista Internacional. Em 1894, portanto, em aliança entre anarquistas e socialistas houve, de fato, a tentativa de organizar o 1º de Maio. De acordo com Luigi Biondi, foi o consulado italiano em São Paulo que denunciou a reunião e dela saíram 14 militantes presos entre anarquistas e socialistas, brasileiros, italianos e espanhóis³¹.

Apesar da mal sucedida execução no ano de 1894, muito rapidamente, desde a primeira manifestação internacional, o Primeiro de Maio já passou a figurar no imaginário popular e ocorreu todos os anos a partir do primeiro ano no Brasil, em 1895, na cidade de Santos. De acordo com Batalha³²,

No espaço tempo – relativamente curto – dos anos 1890 ao final dos anos 1920, a celebração do 1º de Maio sofreu transformações. A jornada inicialmente não parecia estar ligada a um ritual comemorativo particular, porém a partir dos primeiros anos do século XX, iria adquirir características cada vez mais ritualizadas e específicas com suas próprias formas de celebração e seus próprios símbolos. Nova transformação no caráter da manifestação iria ocorrer entre o fim dos anos 1910 e o início da década seguinte. A sobriedade das reuniões anarquistas, assim como a festa dos socialistas – simultaneamente um ritual político e ocasião para o lazer – cederão

29 DEL ROIO, José Luiz. “No Brasil”. In: **A história de um dia 1º de Maio**. São Paulo: Editora Ícone, 1998. pp. 45-54

30 Idem

31 BIONDI, Luigi. “Caminhos: Republicanos e Socialistas italianos no fim do século XIX”. In: **Classe e Nação. Trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011 pp. 133

32 BATALHA, Claudio H.M. “Cultura Associativa no Rio de Janeiro”. In: BATALHA, Claudio. SILVA, Fernando Teixeira de. FORTES, Alexandre (orgs). **Cultura de Classe – Identidade e Diversidade na Formação do Operariado**. Campinas: Editora UNICAMP, 2005 pp. 106

o lugar para manifestações (*meetings* no vocabulário do período) de massa. Sinal dos tempos: o sindicalismo a partir de 1917 já não era o das associações de ofício que contavam com um número reduzido de membros, mas o dos sindicatos industriais que reuniam milhares de operários.

As divergências entre grupos e correntes políticas apareceram no Brasil desde o início e foram razões para debate. Apesar disso, as fusões também foram comuns. O Primeiro de Maio é uma data que, a despeito de todo o debate necessário e inevitável sempre foi celebrada. Os anarquistas muitas vezes também celebraram e homenagearam os *Mártires de Chicago*, fazendo edições especiais e comemorativas em novembro em jornais operários, de militantes e de associações de trabalhadores e, eventualmente, manifestações públicas. Apesar do clichê anarquista que muitas vezes se tem do movimento operário paulista, ele era complexo, e mesmo entre anarquistas haviam divergências.

De acordo com Bilhão³³, no período compreendido entre a última década do século XIX e a primeira do século XX o que houve foi, sobretudo, eventos aos moldes da social democracia, inspirados pela Segunda Internacional e sua forma de comemoração. Os socialistas realizavam principalmente festas familiares, iniciadas no período da manhã, que contavam com bandas de música, fogos, piqueniques, desfiles e falas de oradores. Nessas festas, o trabalhador trajava sua melhor roupa e participava de um evento em comemoração à existência da classe. Os *meetings* anarquistas disputavam com os socialistas e outros grupos o significado da data e forma de realizá-la desde as convocatórias em jornais militantes e operários. Ainda de acordo com a autora³⁴

Entretanto, além das disputas em si, as lideranças operárias também precisaram competir com o governo, com empresários e com a Igreja católica pela definição da data, como “Dia do Trabalho” ou do trabalhador; como feriado ou dia de greve.

A imprensa operária e a imprensa militante adquiriram especial importância porque foi por elas que se divulgavam as manifestações com data, horário e etc. Era também pelos jornais que depois do ocorrido faziam-se críticas, balanços ou elogios. Foram a voz

33 BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista” in: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 62, pp. 71-92, 2011

34 Idem. pp. 73-74

do trabalhador e de sua participação nas manifestações, bem como a construção destas pelas agremiações de classe e partidos. Nesse sentido, foram os jornais operários que, segundo Edilene Toledo³⁵

(...) contribuíram para transmitir aos trabalhadores a ideia de fazer parte de um conjunto, de uma classe social e de uma luta que ultrapassava os limites do Estado nacional. Seu papel era informativo, mas também o de propagandear uma visão de mundo.

São Paulo teve, entre 1890 e 1923, cerca de 343 jornais operários e, apesar de enfrentarem grandes problemas em relação à continuidade e manutenção da circulação de materiais, causadas por falta de dinheiro, mas também por repressão por parte do Estado, conseguiam exercer em determinados momentos importantes agregações de ideias e divulgação de debates³⁶. Os principais jornais eram o *Avanti!* (1900-1919), publicação dos socialistas que recebia o mesmo nome do jornal publicado pelo Partido Socialista Italiano na Itália e que teve, ao longo de sua duração diferentes editores, entre eles Alcibiade Bertolotti e Alceste De Ambris; *Il Risveglio* (1898-1899), *La Barricata* (1912-1913), *La Battaglia* (1904-1912), de Oreste Ristori³⁷; *La Propaganda Libertária* (1913-1914) e *La Guerra Sociale* (1915-1917), cujo editor era Luigi Damiani, Gigi Damiani; *O Amigo do Povo* (1902-1904), de Neno Vasco e *Folha do Braz*, *A Lanterna* (1901-1904/1909-1916/1933-1935), *A Vanguarda*, *A Folha do Povo*, *A Plebe* (1917-1920) e a *Patuleia*, de Edgard Leuenroth. Esses últimos todos jornais de cunho anarquista e com publicações mais variadas ao longo das primeiras décadas do século³⁸. Além deles, também haviam publicações da FOSP e de ligas operárias e de trabalhadores, como a dos chapeleiros e dos canteiros.

Sobre Leuenroth, um tipógrafo anarquista nascido no Brasil, aliás, caberia todo um trabalho dedicado somente à sua vida, já que teve uma trajetória intrinsecamente ligada à militância por anos. Esteve à frente de ligas sindicais e de associações de trabalhadores,

35 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”. In: *Cadernos AEL – Anarquismos e Anarquistas*. Nº 08/09 pp. 89-115. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP: Campinas, 1998

36 COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” in: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2013 pp. 122

37 BIONDI, Luigi. “Anarquistas Italianos em São Paulo. O grupo do Jornal Anarquista “*La Battaglia*” e sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos”. In: *Cadernos AEL – Anarquismos*. Nº 08/09 – Campinas, 1998.

38 Idem. pp. 124

bem como foi o responsável pela edição de uma série de jornais que foram essenciais na organização operária e dos anarquistas no período compreendido nessa pesquisa. Também foi um importante militante anticlerical e organizador de escolas para trabalhadores, como a Escola Moderna³⁹.

São Paulo, assim como outras cidades das Américas, recebeu naquele momento um intenso fluxo de estrangeiros e de capital para a implantação de indústrias, sua maioria também pertencentes a imigrantes. Entre os imigrantes, além dos empresários e industriais, haviam trabalhadores com experiências de lutas e greves, bem como militantes organizados em partidos ou em correntes anarquistas. Além disso, as migrações internas aumentaram imensamente com a abolição da escravidão, bem como a troca de experiências com ex-escravizados, muito embora esse não seja o tema do trabalho. Esse caldeirão favoreceu uma efervescente cena de troca de experiências e de conhecimento, bem como o compartilhamento identitário de uma vida em comum. Uma das grandes expressões dessa identidade em comum foi, como já citado, a participação nas celebrações trabalhistas. O próximo capítulo foca nos primeiros anos da manifestação do Primeiro de Maio na cidade em crescimento.

39 SANTOS, Kauan Willian dos. "Introdução". **"Paz entre nós, guerra aos senhores" - Anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial**. Editora Prismas: São Paulo, 2017 pp. 37

2. O PRIMEIRO DE MAIO EM SÃO PAULO (1894 – 1908)

*Perante vossos tumulos, irmãos de Chicago, promettemos solenemente não tibiari
um instante, não socegar um momento até que, com o pé sobre o pescoço da hydra
burguesa, possamos dizer como personagem do Othelo:*

Eis-hai o Leão.

Jornal Palestra Social – 02 de novembro de 1900⁴⁰

A jornada de trabalho e a Primeira Greve Geral

As cidades passaram por um intenso crescimento a partir, sobretudo, da década de 1870⁴¹. Nesse contexto, São Paulo viveu, em conjunto com o Rio de Janeiro – em que pese esse ser ainda do Distrito Federal e uma cidade litorânea e portuária e São Paulo estar localizado em pleno planalto – um *boom* populacional, além de intenso crescimento fabril e de meios de transporte com a implantação das ferrovias. Segundo Toledo⁴²

A auto-organização dos setores populares e proletários e sua entrada na cena política em resultado de uma série de transformações: socioeconômicas (como o desenvolvimento do capitalismo no campo, a industrialização e urbanização), culturais (como laicização e a alfabetização) e políticas (como a liberdade de associação e a ampliação do direito ao voto). Esse processo de politização alterou também as formas de agregação social, recreativas e culturais. A circulação das ideias socialistas, anarquistas e sindicalistas com campanhas, comícios, a imprensa, as publicações, a organização do tempo livre, as formas autônomas de organização popular e proletária que vão adaptando tradições religiosas e folclóricas, demonstram como foram numerosos os percursos e instrumentos pelos quais essa politização das relações sociais passou.

De acordo com Biondi⁴³, em 1900 ao menos dois terços dos operários e operárias de São Paulo eram de origem italiana e trabalhavam na maioria dos setores da indústria

40 Jornal Palestra Social 02 de novembro de 1900

41 COSTA, Emília Viotti da. “Urbanização no Brasil no século XIX” in: **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Editora Unesp: São Paulo, 2010 pp. 254

42 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Teoria, prática e história do sindicalismo revolucionário”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 74

43 BIONDI, Luigi. “Introdução”. In: **Classe e Nação. Trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011 pp. 27

paulista incipiente. Isso era fruto da intensa revolução demográfica que a cidade havia passado na última década do século XIX e que continuou em crescimento e se diversificando em termos étnicos ao longo das duas primeiras décadas do século XX, quando a perseguição política aos imigrantes aumentou com a Lei de Expulsão promulgada em 1907.

Segundo o autor, apesar de haver uma identificação entre imigrantes e o radicalismo e também suposições de que eles chegaram ao Brasil com ampla experiência de militância e organização de classe, isso não era nada generalizado⁴⁴. Em primeiro lugar, os imigrantes representavam um grupo heterogêneo, com empresários, artesãos e pequenos proprietários e operários propriamente ditos, além de suas famílias, onde as múltiplas identidades poderiam disputar e se sobrepor em diversos momentos. Em segundo lugar, mesmo entre os militantes operários havia diversidade ideológica e de prática militante, como a presença de “líderes republicanos, socialistas, anarquistas e sindicalistas italianos”⁴⁵. Em terceiro lugar, os militantes organizados italianos, por exemplo, transitaram muitas vezes entre São Paulo, Rio de Janeiro, Buenos Aires, Chicago, Nova York e algumas regiões e cidades da Itália, levando, acumulando e ressignificando experiências de um local para outro. A comemoração do Primeiro de Maio era uma dessas. Por último, as formas de organização dos imigrantes também não respeitavam, necessariamente, critérios estritamente classistas, no sentido da luta de classes para melhorias salariais e da jornada de trabalho, sendo também de lazer, de auxílio mútuo, de bairro ou étnicas. De acordo com Biondi⁴⁶

A cidade de São Paulo, em 1886, contava com cerca de 45 mil habitantes, em 1890 eram cerca de 65 mil e, em 1900, tinha aumentado para 240 mil (destes, mais de 90 mil eram de nacionalidade italiana). Todavia, já em 1893, São Paulo contava com 130 mil habitantes, isto é, em três anos sua população, graças ao aumento da imigração (sobretudo italiana) tinha literalmente dobrado. Vale a pena lembrar que, entre 1887 e 1893, entraram na província, e depois estado, de São Paulo 422.924 imigrantes (dos quais 315.387 eram italianos).

44 Idem. pp. 34

45 Idem.

46 BIONDI, Luigi. “Caminhos: Republicanos e Socialistas italianos no fim do século XIX” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. p. 109

Apesar do crescimento das cidades, da abolição da escravidão e da República, não houve grandes alterações na posição do Brasil no mercado internacional e na ordem social preestabelecida, mantendo uma área industrial ainda reduzida e baseada na produção de manufaturados⁴⁷. Segundo Emilia Viotti da Costa⁴⁸, “A população operária, embora débil, faria as primeiras tentativas de desenvolver uma ação política independente e de oposição por meio de algumas greves e agitações que se esboçam no fim do século XIX, só adquirindo importância real no século XX”.

Essa movimentação já era percebida quando, em 1895, em sua edição n. 642, o jornal *O Commercio de São Paulo*, noticiava que o dia 1º de Maio⁴⁹

Não é, como erroneamente acredita o bugrezinho timorado ou o povo ignorante e simples o dia consagrado da anarchia.

Os anarchistas – demolydores irreconciliáveis com qualquer systema político que não seja o arrazamento social – só pelos espiritos grosseiros podem ser confundidos com os socialistas, arregimentados diciplinarmente sob principios definidos, baseados na razão e na equidade e aceitos hoje universalmente pelas classes laboriosas, tendo sahido dos gabinetes dos sabios, para as officinas do proletariado, donde passou para os ateliers dos artistas, para as escolas de Bellas Artes, Academias, Conservatórios.

Partido evolucionista, só tem manifestado existência legal da greve, quando procura melhorar as condições economicas do operariado.

O socialismo não é revolucionario e o dia de hoje – a Festa do Trabalho – é saudado offensivamente pelas classes que labutam, nas artes e na industria pela riqueza da pátria.

Dahi serem toleradas em todo mundo civilisado, as festas de hoje, nas quaes, se algum elemento ruim, intruso, consegue alterar a ordem, não pode caber responsabilidade, aos bons e honrados operarios, cujo ideal é nobre demais para que o desnaturem com manifestações vandalicas de dynamitistas.

Já em 1896 sabemos que houve uma manifestação organizada pela União Operária porque de acordo com o jornal *O Commercio do São Paulo*⁵⁰ “Em commemoração ao 1º de Maio, o partido operario <União Operaria> organisou hoje uma <marche aux flambeaux>. Esta percorrendo as ruas da cidade”. No jornal *O Estado de S. Paulo*⁵¹,

47 Idem.

48 COSTA, Emília Viotti da. “Urbanização no Brasil no século XIX” in: **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Editora Unesp: São Paulo, 2010 pp. 254

49 *O Commercio de São Paulo* - “1º de Maio” - 01/05/1895 - Edição 642 pp. 01

50 *O Commercio de São Paulo*. “1º de Maio” - 02/05/1896

51 *O Estado de S. Paulo*. 1º de Maio de 1896.

também houve um debate opondo Karl Marx a Bakhunin, tal como a discussão feita pelo jornal *O Commercio de São Paulo* no ano anterior. Nele, o jornal afirma que os anarquistas eram os extremistas e alerta os trabalhadores para que não sejam seduzidos por essas táticas, mantendo-se nas reivindicações que os republicanos consideram justa como

Mas como a causa do trabalho é a causa do progresso, nós saudamos a festa dos operários, augurando-lhes que pela conquista pacífica e legal das franquias que a democracia lhes reconhece, elles saibam reivindicar as necessidades consagradas no direito e na justiça.

Fazia sentido que um jornal republicano liberal e conservador defendesse o direito dos trabalhadores de se manifestarem, desde que não houvesse excesso ou associação de trabalhadores com o anarquismo. O jornal o *Correio Paulistano* era ligado ao Partido Republicano⁵². Por sua vez, o jornal *O Estado de S. Paulo* era, de acordo com Maria Lourdes Eleutério, “uma aliança entre as elites rurais e a burguesia ascendente. Amparado em sólidos capitais, conjugou a ideologia elitista das classes dirigentes com um veio de defesa do cidadão”⁵³. Júlio de Mesquita, o dono do jornal, já havia sido vereador em Campinas, Deputado Estadual, Federal e Senador, todos pelo Partido Republicano, que rompeu para fundar, com outros, o Partido Democrático⁵⁴.

Além disso, os partidos socialistas ligados à Segunda Internacional, expressavam a divergência que gerou o rompimento entre Marx e Bakunin na Associação Internacional dos Trabalhadores em 1868⁵⁵. O último era visto como radical, graças ao rompimento com as instituições eleitorais e a tática de ação direta. Para os anarquistas, no entanto, os marxistas eram vistos como conciliadores entre classe trabalhadora e Estado burguês. Também havia a divergência entre socialistas e anarquistas a respeito da exclusividade do trabalhador assalariado como a força motriz de um processo revolucionário, sendo que alguns grupos anarquistas incorporavam também o trabalhador rural.

52 LUCA, Tânia Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

53 ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

54 LUCA, Tânia Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. pp. 162

55 BIONDI, Luigi. “Introdução”. In: **Classe e Nação. Trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011 pp. 42

Em 1897 houve uma seção solene sobre a história do Primeiro de Maio, com a presença de diversos oradores, banda e hinos. Após o evento fechado, os manifestantes foram às ruas do centro de São Paulo, no Piques, onde hoje está localizado o Vale do Anhangabaú, Largo São Bento, Rua Riachuelo e entre outros. Essa manifestação foi organizada pelo partido Democrata-Socialista. Através de Estevam Estrella e do jornal que ele dirigia, *O Socialista*, divulgaram a programação do Primeiro de Maio, ocorrido no Theatro Polytheama e nas ruas do centro de São Paulo⁵⁶. Estrella apresentou o Primeiro de Maio como uma deliberação da Segunda Internacional, sem citar os eventos de Chicago ou os mártires e ainda opôs os socialistas aos anarquistas. Ele afirmou que

Os operários, porém, devem ser os primeiros a dar provas de que querem a ordem a paz, porque desse modo hão de evitar as reacções e hão de mostrar que quem está com a verdade, a razão e a justiça não precisa de empregar a força, physica, que tudo corrompe e destróe, mas não logra construir cousa alguma.

De acordo com Biondi⁵⁷, os socialistas, de maioria italiana, tinham como principal tática o socialismo integral de Benoît Malon o que na prática significava que separavam a luta sindical, econômica, da luta política, mas, por outro lado, se inseriam em todos os locais onde havia classe trabalhadora e, no caso do Brasil, imigrantes italianos. Estes socialistas funcionavam no Brasil, na prática, como uma divisão transnacional do Partido Socialista Italiano, PSI, fundado em 1892 e filiado à II Internacional. Em 1897 fundaram o Centro Socialista junto com Estrella, médico brasileiro de origem baiana, Valentim Diego, sapateiro espanhol e Alcibiade Bertolotti, agrimensor italiano naturalizado brasileiro e funcionário público.

Os anarquistas, por sua vez, já estavam em São Paulo também desde pelo menos 1890 e publicavam jornais que faziam as ideias circularem desde de 1891, de acordo com Cláudia Baeta Leal⁵⁸. Muitos chegaram ao Brasil, e sobretudo à São Paulo, enviados como represália pelo governo italiano em famílias de outros operários ou trabalhadores do campo, como se fossem parentes. Segundo Leal, alguns desses militantes anarquistas vieram para o Brasil após a repressão aos atos de 1º de maio em 1894 em Roma.

56 Jornal O Socialista – Edição Especial de 1º de Maio de 1897. 01/05/1897 – nº 50

57 BIONDI, Luigi. “Introdução”. In: **Classe e Nação. Trabalhadores socialistas italianos em São Paulo, 1890 – 1920**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011 pp. 38

58 LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. “Em casa, na rua, em toda a parte: anarquistas em São Paulo nos anos 1890”. in: **Revista Perseu: História, Memória e Política**. Nº 02, ano 02, 2008 pp. 124-154

A participação anarquista no Primeiro de Maio paulistano também se intensificou na segunda metade da década de 1890. No ano de 1898, por exemplo, o jornal *Il Risveglio*⁵⁹, de Luigi Damiani, importante anarquista do período, fez uma série de matérias se opondo ao que ele caracterizou como caráter festivo que o Primeiro de Maio tinha adquirido sob a direção socialista e relembrando os *Mártires de Chicago* e a participação anarquista na construção da efeméride operária⁶⁰.

É provável, apesar das críticas, que todos tenham participado da mesma manifestação, já que ocorreu primeiro no Theatro Polytheama, que ficava na região do Braz, e contou com participação de cerca de quatro mil trabalhadores que, depois da seção solene, marcharam novamente pelas ruas do Centro de São Paulo. Naquele ano, os socialistas propuseram dois pedidos endereçados à Câmara dos Deputados de São Paulo. Um exigindo que se colocassem contra a guerra entre Estados Unidos e Espanha pelo domínio de Cuba e outra com uma série de exigências trabalhistas entre as quais⁶¹

(...)

1º O dia de oito horas de trabalho;

2º A abolição do trabalho noturno, sempre que for possível para os adultos e inteiramente para os menores;

3º Supressão do trabalho das crianças, até a idade de 14 annos e proteção da infancia até a de 16 annoos;

4º Educação para todos geral technica e proffissional;

5º Direito a assistencia judiciaria gratuita, por advogados pagos pelo erario publico, bem como a assistencia gratuita de medicos pagos pelo governo ou pelos municipios;

6º Responsabilidade penal e civil dos patrões nos accidentes do trabalho;

7º Responsabilidade penal e civil dos fazendeiros, administradores ou agentes de fazendas, no que se refere ao trabalho dos proletarios ruraes;

8º Fixação de um salário mínimo, quer para os colonos e trabalhadores ruraes, quer para os operarios em relação ao custo dos generos e mais objectos indispensáveis a existencia;

9º Salario igual e equal regalias de trabalho para homens e mulheres em equal trabalho;

10º Proibição do uso industrial de todos os productos nocivos ou toxicos que possam ser facilmente substituidos por outros que não o sejam á saude dos operarios;

11º Constituição de tribunaes arbitraes para discutir e resolver as questões que se suscitarem entre os patrões e os operarios;

Não somente isto, mas os trabalhadores hoje reunidos em solemne comicio declaram ser necessario que em todas as manifestações o fim principal do movimento socialista é, em primeiro lugar, pedir a inteira renovação do systema economico, político e social da actual sociedade.

Viva o socialismo!

59 Jornal Il Risveglio – 27/02/1898 - nº08

60 Jornal Il Risveglio – “Ricordo per 1º Maggio” - 17/03/1898 - nº10

61 Jornal O Socialista – 22/05/1898

Se até 1898 não havia ainda ocorrido nenhum tipo de repressão policial às manifestações, além daquela de 1894 que não chegou a sair do planejamento, e até os jornais de grande circulação expressavam uma posição de tolerância, em 1899, no entanto, houve uma inflexão na “política de boa vizinhança”. Convocada a partir de cartazes espalhados pela cidade⁶², sobretudo nas áreas centrais, e iniciado como já de costume no Theatro Polytheama⁶³, a manifestação do Primeiro de Maio contou com a participação de lideranças já conhecidas e aceitas naquele momento, como Alcibiade Bertolotti, Estevam Estrella, Carmelo Longo e Alfredo Mari, em unidade entre anarquistas e socialistas⁶⁴. A manifestação caminhou novamente pelas ruas do centro de São Paulo, quando chegou na Rua Florêncio de Abreu, onde sofreu dispersão por parte da polícia. O episódio ocorreu porque parte dos trabalhadores que estavam no local reuniu-se para vaiar o diplomata italiano Conde Antonelli, hospedado na Rotisserie Sportman, localizada no atual Largo São Bento⁶⁵. De acordo com o jornal *O Commercio de São Paulo*⁶⁶

(...) Já se tinham feito ouvir vários operarios, todos italianos, e, no momento em que chegou a força para manter a ordem, usava da palavra o conhecido socialista sr Estevam Estrella.

O major Nascimento intimou-os a que se dispersassem, o que não foi attendido. Houve, então, uma ameaça de carga pelos seis praças da cavallaria, que conseguiram arrebatar das mãos dos manifestantes, uma bandeira negra, onde se lia em letras rubras **Socialismo e Anarchia**. [GRIFO NOSSO]

A ação, vista como uma ofensa por parte do poder público, resultou na repressão, mas o que ficou registrado foi a presença de um estandarte que poderia demonstrar a unidade de ação entre os socialistas e os anarquistas para a data de Primeiro de Maio. Estevam Estrella era tratado até então com certo respeito pelos jornais republicanos, mas naquele ano foi responsabilizado por manter-se ao lado dos anarquistas, justificando uma repressão policial. A defesa do médico baiano abarcou dessa vez também os anarquistas,

62 Jornal O Commercio de São Paulo. “O 1º de Maio” - 02/05/1899. Edição 1834

63 Jornal O Estado de S. Paulo. “1º de Maio” - 02/05/1899. Edição 7467

64 LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. “Em casa, na rua, em toda a parte: anarquistas em São Paulo nos anos 1890”. in: **Revista Perseu: História, Memória e Política**. Nº 02, ano 02, 2008 pp. 136

65 Jornal Correio Paulistano – 02/05/1899 – 02/05/1899 – Edição 12.809

66 Jornal O Commercio de São Paulo. “Seção Livre” - 03/05/1899 – Edição 1835

o que em edição do jornal *O Comércio de São Paulo*, do dia 02 de maio, Estrella aproveitou a coluna aberta para responder à matéria

(...) Sou socialista marxista, isto é, no *vulgo*, socialista da escola alemã, único que pela sua base científica, abateu todas as demais escolas. (...) Todos sabem que o partido anarquista é um dos mais fortes do mundo, isso devido ao civismo e independência de seus adeptos, ao ponto de terem se congregado em solene assembleia na Itália, todas as potências da Europa pra fim de lhe dar combate por medidas legislativas ou violentas para o fim de exterminá-los.

E o resultado dessa comédia ninguém ignora: foi um tremendo fiasco.

Apesar da tentativa de responsabilização de Estrella e dos anarquistas feitas pelo jornal em relação à própria repressão, o Conde Pietro Antonelli era o Cônsul da Itália no Brasil que estava hospedado no centro da cidade na ocasião da manifestação e, portanto, recebeu vaias dos trabalhadores italianos, anarquistas ou não. Segundo Leal⁶⁷, no entanto, a manifestação de Primeiro de Maio encontrou-se com um cortejo em homenagem ao Cônsul quando estavam na praça da Luz, motivando a reação de vaia puxada pelos anarquistas. De acordo com Biondi⁶⁸

Todas essas questões se relacionam, de várias formas, a uma mais geral: o embate entre múltiplas identidades – em particular entre valores e lealdades classistas e valores nacionais -, que encontra um campo de estudos propício na análise da história da relação entre imigração italiana no mundo em desenvolvimento do movimento operário nos países para os quais os italianos se transferiram.

Outra questão que aparece é que o Primeiro de Maio se constitui como uma mobilização agregadora de diversos grupos sociais de trabalhadores e militantes do movimento operário e democrático. Ao lado de artesãos em via de proletarização havia muitas vezes os próprios donos de pequenas oficinas e os muitos trabalhadores empregados desde as grandes fábricas têxteis e alimentícias até as pequenas oficinas semi-mecanizadas⁶⁹. Entre os brasileiros, por exemplo, Benjamin Mota, anarquista, era um advogado⁷⁰, e o próprio Estrella que, médico e socialista, era também, ao mesmo

67 LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. “Em casa, na rua, em toda a parte: anarquistas em São Paulo nos anos 1890”. in: **Revista Perseu: História, Memória e Política**. Nº 02, ano 02, 2008 pp. 138

68 BIONDI, Luigi. “Introdução” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. p. 34

69 Idem.

70 BRITO, Rose Dayanne Santos de. “Entre a Lei e a Anarquia: a trajetória de um representante das classes proletárias no Brasil do século XIX” in: **Direito & Práxis Revista**. Rio de Janeiro, vol. 09, nº 02, 2018 p. 834

tempo, um dos fundadores da bolsa de valores de Santos. Também era comum a participação em eventos como esses das lojas maçônicas. Não parecia haver, nesses casos, ainda, qualquer contradição ou tensão extrema, compartilhando de uma ideia positiva generalizada do Primeiro de Maio, apesar da ênfase dada a uma ou outra reivindicação e forma celebradora pelas diversas tendências⁷¹.

Além disso, de acordo com Biondi, a palavra “operaio” em italiano, não tinha na época somente o sentido de trabalhador fabril, mas também ainda podia designar o artesão, como era ao longo dos Oitocentos⁷². A imensa maioria dos trabalhadores estava em indústrias pequenas e poucos em fábricas de maior porte. A questão dos pequenos proprietários mudou na greve de 1907, como veremos à frente⁷³.

Em novembro daquele mesmo ano, Estrella, junto com anarquistas imigrantes, foi preso por colarem cartazes em homenagem aos *Mártires de Chicago*. Estrella ficou preso apenas oito dias, enquanto os italianos ainda não haviam sido soltos quando ele já estava livre⁷⁴, fato que ele denunciou também no jornal *El Grito del Pueblo*.

A virada do século apresentou, já a partir de 1900, outras características vindas da mudança e um aumento significativo da imigração para a cidade. O processo de diversificação étnica e entrada de novos imigrantes e componentes sociais nesse período se refletiu no Primeiro de Maio. Em primeiro lugar, houve certa diversificação de chamados e de locais de manifestação. A manifestação dos socialistas foi marcada para acontecer às três horas da manhã, no bairro do Bom Retiro⁷⁵ onde estava a sede da *Legha Democrática Italiana*. A *Legha Democrática Italiana*, abertamente socialista, cumpria papel importante de integrador e unificador de classe e etnia em um bairro essencialmente operário, onde estavam localizadas oficinas e fábricas. Além disso, a sede da Legha ainda abrigava outros grupos, como associações de mútuo auxílio e etc.

Ao meio dia, no Largo São Francisco, os anarquistas realizaram uma manifestação que caminhou até o Largo da Liberdade⁷⁶. Em amplo chamado em jornais, havia

71 BATALHA, Claudio H. M. “O Movimento Operário Brasileiro e a Inspiração Internacional (1870-1920)” in: **Revista Canoas do Tempo Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas**. v. 5/6 – nº1, jan/dez, 2011-2012. pp. 85

72 BIONDI, Luigi. “Tradição: o mutualismo italiano em São Paulo, 1880-1920” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015.

73 Idem.

74 Jornal El Grito del Pueblo – 21/11/1899 – nº 13

75 Jornal Correio Paulistano – “Primeiro de Maio” 01/05/1900 nº 13168

76 Jornal O Grito do Povo – “1o de Maio” - 01/05/1900

claramente uma divergência entre ambos os grupos que convocaram. Na edição de *O Grito do Povo*, de Neno Vasco, o chamado foi⁷⁷

1o DE MAIO DE 1900

Manifestação Operária Internacional

Ao meio-dia em ponto reunir-se-hão no Largo de S. Francisco todos os operarios e homens libres que desejam o triumpho da justiça. Pacificamente percorrerão diversas ruas da cidade, dissolvendo-se no Largo da Liberdade!

NÃO FALTAR, TRABALHADORES!

Ao contrário dos socialistas que iniciavam as manifestações nos bairros e próximo ao horário de entrada dos trabalhadores, os anarquistas realizavam as ações no centro da cidade em horários mais tarde e ao longo do dia. Para eles, havia a necessidade de interrupção do trabalho que valorizasse a participação nas manifestações, transformando em momentos de embate com o setor público. Além disso, para os anarquistas a questão da preparação para momentos de ação mais contundente era sempre reforçado no momento das manifestações de Primeiro de Maio.

Apesar de iniciando em locais diferentes, é possível que em algum momento as manifestações que estavam nos bairros pudessem migrar para o centro da cidade ou ainda que, apesar de não caminhar de forma organizada ou em bloco, uma parte dos trabalhadores tenha se juntado à ela após a participação nas manifestações dos socialistas.

Em 1901, o Primeiro de Maio ocorreu em três locais diferentes. Uma reunião na Vila Mariana, outra na Rua Florêncio de Abreu e uma no Cambucy. No evento do Círculo Socialista Enrico Ferri, no Cambucy, os anarquistas foram impedidos de falar, além de ter ocorrido em local fechado e não aberto, como já estava sendo praticado nos anos anteriores. Os anarquistas foram duros críticos aos socialistas em decorrência do impedimento, mas também em relação à tática adotada por eles de escrever uma carta de apelo à Câmara dos Deputados. De acordo com o jornal *O Amigo do Povo*⁷⁸:

É certo que, por exemplo, a diminuição das horas de trabalho é útil: melhora sobretudo a situação moral do operario, que terá mais tempo para reflectir, estudar, formar consciência. Mas isso ha-de toma-lo por suas mãos, com a greve, com a luta

77 Jornal O Grito do Povo – 1o de MAIO DE 1900 – Manifestação Operária Internacional - 01/05/1900 – nº 14

78 Jornal O Amigo do Povo - “Manifesto” - 10/05/1901

constante. Uma reforma só quando deixa de atacar a organização fundamental é que é reconhecida pela *lei*, que é, assim um bello meio de deitar poeira aos e de defender as *sagradas* bases da sociedade...

Tal como se vê, os jornais militantes eram locais onde as divergências eram expressas em forma de debates ou de propaganda, por exemplo, o Jornal *El Grito del Pueblo*, já citado acima, e o *Palestra Social*⁷⁹ que, nas suas edições de outubro e novembro, prestou homenagens aos *Mártires de Chicago* em português e italiano. As práticas do Primeiro de Maio, no entanto, não eram muito divergentes. Apesar de haver concentrações em locais diferentes e de também haver manifestações próprias de cada um dos grupos militantes, também havia a manifestação unificada, quase sempre no centro da cidade.

No dia 1º de Maio de 1901, os trabalhadores da Viação Paulista, fizeram uma greve exigindo garantias quanto ao recebimento de seus salários e manutenção de seus empregos, dado o fato de que a empresa havia falido e seria adquirida pela *Light and Power*. Os trabalhadores fizeram uma paralisação que durou até as três horas do dia 1º e foram persuadidos pela polícia para voltarem a trabalhar⁸⁰.

De acordo com Biondi⁸¹, nesse mesmo ano houve a criação de cerca de 13 associações de ofício na cidade. Isso se deveu não só à crise econômica, mas também à atuação militante, sobretudo dos socialistas, na formação das Ligas de Resistência. As Ligas de Resistência reuniam trabalhadores por área de atuação, ofício e moradia. Em muitos momentos a participação dos trabalhadores era sazonal e o Primeiro de Maio era uma das festas do calendário nas quais costumava-se atrair mais quantidade de operários. Alceste De Ambris, orador na maior parte dos momentos, era um dos maiores organizadores sindicais do período e era escolhido pelos trabalhadores como representante em negociações que ocorreram naquele ano⁸². Isso teve reflexos na organização do Primeiro de Maio de 1902, já que resultou na formação de 10 círculos socialistas somente na capital, entre eles o do Brás, que chamava *Primo Maggio*⁸³.

79 Jornal *Palestra Social* – 02 de novembro 1900

80 Jornal *O Commercio de São Paulo* - “A Greve” - 01/05/1901 - Edição 2559 - p. 01

81 BIONDI, Luigi. “Construções: Socialistas, Imigrantes e sindicatos no início do século XX” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 177

82 Idem. pp. 182

83 Idem. pp. 193

Em 1902, o Primeiro de Maio foi descentralizado⁸⁴. Ocorreu em vários círculos socialistas, como no *Círculo Filodramático Enrico Ferri*, no *Círculo Avanti!* e nos *Círculos Socialistas* da Bella Vista, Bom Retiro, Brás e Vila Mariana, com a presença de oradores como Alcibiade Bertolotti, Cesare Golfarelli, Alceste De Ambris e Estevam Estella. Neles foram distribuídos exemplares do *Avanti!* que tinham uma carta de reivindicação dos socialistas que continha, entre outras coisas, o seguinte trecho:

- 1o Modificação dos artigos do código penal e civil e prejudicam a personalidade humana e jurídica do trabalhador.
- 2o Reconhecimento da plena liberdade de reunião e de greve.
- 3o Leis protectoras do trabalho de mulheres e das crianças;
- 4o Fixação do máximo das horas de trabalho;
- 5o Fixação do mínimo dos salários;
- 6o Criação da caixa-pensão para os velhos e para os incapazes de trabalhar

Os anarquistas do *Germinal* e do *Amigo do Povo*, por sua vez, teceram duras críticas novamente a essa prática socialista de realização do Primeiro de Maio a portas fechadas e com cartas de reivindicação. O *Amigo do Povo*⁸⁵ lembrou os *Mártires de Chicago*, enquanto o *Germinal*⁸⁶ enfatizou a greve geral como a única forma possível de a classe trabalhadora se levantar. Ambos criticaram o Primeiro de Maio socialista, enfatizando que esse deveria ser um dia de preparação e conscientização para lutas maiores.

Em 1903, os socialistas comemoraram o Primeiro de Maio nos círculos socialistas nos bairros⁸⁷, enquanto os anarquistas tomaram as ruas do centro de São Paulo, começando na altura do Brás e terminando próximo à Praça João Mendes⁸⁸. Em nenhum dos casos houve qualquer repressão e, claro, houve críticas da parte dos anarquistas às comemorações passivas dos socialistas. Entre outras coisas, o *Amigo do Povo*⁸⁹ criticou os socialistas pela tentativa de transformar o Primeiro de Maio em um feriado, já que a ideia é que fosse um dia de paralisação do trabalho, ainda que não exatamente uma greve, mas uma preparação para isso. Também na mesma edição do jornal havia, na segunda

84 Jornal O Estado de São Paulo – “Notas e Informações” - 02/05/1902 nº9556

85 Jornal O Amigo do Povo – “O Primeiro de Maio de 1789, 1887, 1871” - 01/05/1902

86 Jornal O Germinal – “Primo Maggio” - 01/05/1902 nº05

87 Jornal O Commercio de São Paulo – “Primeiro de Maio” - 02/05/1903 nº2922

88 Jornal A Greve – “1º de Maio” - 15/05/1903

89 Jornal O Amigo do Povo – 01/05/1903

página, um texto da libertária Matilde Magrassi sobre o Primeiro de Maio que também expressou essa divergência entre ambos os militantes:

(...) Não basta, porém, ó trabalhadores, o cruzamento de braços. É necessário também que nos instruamos e instruamos os companheiros, pondo-os ao corrente do movimento operário de todos os países, para que se espanquem as trevas que ainda ofusquem o nosso intelecto, para que a ideia de nossa emancipação possa abrir caminho no nosso campo a passos de gigante, para que, se hoje somos mil, sejamos cem mil no próximo primeiro de maio e assim aceleremos o advento da Revolução Social. Porque só depois desta é que poderemos atingir a meta pelo qual a tantos anos suspiramos e que tantas vítimas, tantos sacrifícios já custou á humanidade. Então, somente então, o trabalhador que sofre há séculos sem fim, achará maior bem estar e maior felicidade.

Sobre Matilde Magrassi é importante também fazer um breve aparte. Proeminente militante anarquista, nasceu na Itália e iniciou sua militância lá, vindo para o Brasil em companhia do filho, Luigi Magrassi, também anarquista. Morou no Rio de Janeiro e São Paulo e foi ativa colaboradora de jornais anarquistas, entre eles *O Amigo do Povo*. Magrassi foi uma organizadora e oradora, que dialogava diretamente com as mulheres ao fazer campanhas anticlericais e para que elas se levantassem e lutassem em conjunto com os homens⁹⁰. Há registros de falas delas em diversos anos no dia 1º de Maio.

Os anarquistas tinham uma preocupação organizativa e educativa em relação à classe trabalhadora e a “consciência da exploração”. Nesse sentido, o Primeiro de Maio era não só um momento de reivindicação e de demonstração de forças, mas de organização e educação da classe quanto à sua própria história e quanto ao papel da burguesia e do Estado. De acordo com Hugo Quinta⁹¹

As conferências são práticas de sociabilidade que se estabelecem no meio anarquista como forma de organizar o trabalhador, formar sua consciência de modo a amadurecer os procedimentos de luta contra a situação aviltante das condições de trabalho e, com efeito, é um dos exercícios de propaganda anarquista por meio do qual alguns grupos pretendem evitar um anarquismo à matroca.

90 ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. “Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal A Terra Livre (1905-1910)” in: *Revista Latino-Americana de História*. Vol. 07, nº 19 – jan./jul. 2018

91 QUINTA, Hugo. “Pietro Gori, o anarquismo e o movimento operário argentino (1898-1902)” in: *Revista a Escrita da História*. Vol. 04, nº 08, ano IV. jul/dez, 2017.

Em 1904, os socialistas organizaram manifestações e festas nas sociedades e círculos socialistas regionalizados⁹², como no *Circolo Socialista Internacional da Lapa* e no do Bom Retiro. Os trabalhadores iniciaram o dia às 5 horas da manhã e percorreram o caminho entre um e outro ao longo do dia, participando de eventos em ambos os locais, como conferências e peças de teatro e música. Até 1904, os socialistas foram a principal direção do sindicalismo paulista⁹³. Isso começou a mudar com a preparação e a posterior fundação da FOSP – Federação Operária de São Paulo, a partir de 1905.

Em 1905, houve uma tentativa dos trabalhadores gráficos, sobretudo do Jornal *O Commercio de São Paulo*⁹⁴, de paralisar os trabalhadores de jornais, mas não obtiveram êxito graças ao Jornal *O Estado de S. Paulo*, cujo proprietário, já citado anteriormente, não permitiu a paralisação. A *Liga de resistência dos operários das artes gráficas* tinha em sua direção os socialistas italianos⁹⁵, mas também contava com a participação crucial de Edgard Leuenroth⁹⁶.

Naquele ano ainda, houve comemorações separadas, com parte dos trabalhadores indo para a Cantareira para realizar festas e outra parte ficando nos círculos socialistas. O principal orador foi Antonio Piccarolo, um socialista reformista, novo editor do *Avanti!*

No final daquele ano foi fundada a Federação Operária de São Paulo, com participação de socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários, mas sobretudo dirigida por esses últimos. A sua sede ficava na Travessa da Sé n. 2, local em que ocorrem muitas reuniões e também manifestações de Primeiro de Maio. Giulio Sorelli, diretor e representante da FOSP, era italiano, mas profundamente integrado à sociedade brasileira, onde estava inserido desde a adolescência. Suas experiências políticas se desenvolveram aqui e não na Europa, como uma parte dos dirigentes estrangeiros do período⁹⁷. Iniciou-as na sociedade assistencial de Cambucy, se declarou como anarquista, depois socialista e, em 1906, quando assumiu a diretoria da FOSP e tornou-se um dos principais redatores do

92 Jornal O Estado de São Paulo – “Primeiro de Maio” - 01/04/1904 n° 9282

93 BIONDI, Luigi. “Construções: Socialistas, Imigrantes e sindicatos no início do século XX” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 205

94 Jornal O Commercio de São Paulo – “1° de Maio” - 01/05/1905

95 BIONDI, Luigi. “Construções: Socialistas, Imigrantes e sindicatos no início do século XX” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 175

96 COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” in: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013 pp. 120

97 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

seu jornal, *A Lucta Proletária*⁹⁸, passou a pregar a autonomia dos sindicatos em relação aos partidos e grupos políticos, defendendo, portanto, o Sindicalismo Revolucionário⁹⁹.

A comemoração de Primeiro de Maio de 1906 foi no clube Lyra, no Largo do Payssandu. Foi chamada e organizada por uma comissão de ligas operárias e pela FOSP, tais como a União Nacional dos Sapateiros, Liga dos Marmoristas, Sindicato dos Barbeiros, Liga dos Trabalhadores em Madeira e Sindicato dos Ladrilhistas¹⁰⁰.

Em 1906 houve o primeiro Congresso Operário, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de delegados paulistas, entre eles Edgard Leuenroth¹⁰¹, além de ampla maioria de sindicalistas. Fundou a Confederação Operária Brasileira com base nos princípios do grupo, tais como a já citada questão da autonomia dos sindicatos em relação às ideologias políticas, sobretudo, e o princípio da greve geral e da ação direta¹⁰². De acordo com Christina da Silva Roquette Lopreato¹⁰³

Os métodos de ação direta são o boicote, a sabotagem e a greve. Esta última é considerada a mais rica em ensinamentos porque explicita os interesses contraditórios entre patrão e o empregado, rompe a harmonia existente entre eles e faz aparecer a luta de classes.

O Congresso Operário, também debateu sobre como deveria ser realizado o Primeiro de Maio de 1907, tendo como principal exemplo o Sindicalismo Francês, que lutava para que a data fosse de protesto e não de festa¹⁰⁴. Além disso, organizou a pauta da luta pela jornada de oito horas que orientou a realização em São Paulo¹⁰⁵.

O ano de 1907 iniciou-se com repressão aos imigrantes politizados, sindicalizados e mobilizados, já que desde 1904 havia um real aumento da organização e mobilização dos

98 Idem.

99 BIONDI, Luigi. “Unões e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 224

100 Jornal O Commercio de São Paulo - “Associações” - 01/05/1906 - nº 4677 p. 04

101 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Introdução”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996. p. 12

102 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

103 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Introdução”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996. p. 08

104 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 301

105 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Introdução”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996. p. 08

trabalhadores em torno de sindicatos com, inclusive, greves de certo porte ocorrendo. Por exemplo, a dos ferroviários em 1906, apoiada pela FOSP, que paralisou o transporte no estado¹⁰⁶. Foi assim promulgada a lei de expulsão de estrangeiros de 1907, conhecida como Lei Adolfo Gordo, graças ao deputado paulista que a propôs na Câmara.

Naquele ano, ano da primeira Greve Geral, o Primeiro de Maio aconteceu em diversos lugares, sendo organizado pela FOSP¹⁰⁷ na Praça da Sé, onde se localizava sua sede. Fato amplamente criticado pelos socialistas, que realizaram um piquenique político no Bosque da Saúde¹⁰⁸. A FOSP, ainda, distribuiu o seguinte manifesto¹⁰⁹:

<Companheiros, como todas as coisas desse mundo onde tudo é mentira, hypocrisia, jesuitismo, o 1o de Maio vai perdendo pouco a pouco o seu primitivo carácter puro, assumindo o de uma simples manifestação festeira.

Há companheiros que levantam no dia de hoje hymnos do trabalho, á paz universal, á harmonia dos povos.

Triste ironia!

Festejar o trabalho, como ele é hoje, uma escravidão para nós, um castigo, um julgo que nos é imposto e que somos forçados a supportar, festejar o trabalho um dia a cada anno quando por 364 dias a exploração do capital nos condenna a miseria mais negra, ás humilhações mais indignas, é absurdo como é absurdo falar em paz e harmonia nessa sociedade, de lobos e carneiros, de escravos e patrões, de homens que tudo produzem e nada gosam e de outros que tudo gosam e nada produzem.

Nada de festejos, portanto, neste dia designado pelo congresso de 1889 para, reactivando energias e despertando consciências, lançar o operariado no caminho de suas reivindicações, começando pela obtenção da jornada de oito horas.

Cahiu no ouvido o sacrifício dos martyres de Chicago. E o operariado hoje, embora não querendo deuses, ao envez de lembrar a morte de seus companheiros como um incentivo a quebrar seus grilhões, vem pelas ruas em charolas ridículas, festejar o trabalho que o traz esfarralho e esqualido.

O 1o de Maio foi desvirtuado e é necessário que nos lhe demos novamente suas verdadeiras características. Comquanto ainda não possamos fazer nada de práctico podemos aproveitar o dia para uma larga e profícua propaganda no meio operario, arrancando-lhe de seu torpor e imprimindo uma vigorosa orientação.

Festejar o trabalho actualmente é engrandecer bestialmente a escravidão do salariado. O operario consciente e brioso deve antes de tudo ser insubmisso e rebelde contra esse estado de coisas, para o qual deve ter prompto o alvião demolidor.

Operarios! Abandonemos o trabalho mas não para ir embrigar-nos, ou para fazer qualquer passeata de recreio, mas para demonstrar a nossa força e fazer ver, aos

106 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 229

107 Jornal O Padeiro – 01/05/1907

108 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 257

109 Jornal O Commercio de São Paulo – “Primeiro de Maio” - 01/05/1907

nossos companheiros ainda inconscientes que chega a nossa vontade para fazer trocar as coisas.

Hoje mais do que nunca, companheiros, devemos exortar a luta os nossos irmãos, hoje mais do que nunca devemos dizer aos nossos patrões: Somos fracos ainda e nada podemos fazer, mas dia há de chegar em que fortes e conscientes alcançaremos o lugar que nos é devido e sobre essa sociedade de roubos e angústias, instalaremos a verdadeira sociedade de homens livres e iguais. E então, só então, festejaremos o trabalho, porque será para nós todo o factor de bem e prosperidade.

Nesse dia, seja lá qual for, seremos verdadeiramente felizes; hoje o nosso coração cheio de ódio contra vós todos nos faz subir a bocca a eterna maldição.

Companheiros! Deliberamos fazer um commicio em nossa sede social que se realizará hoje, 1o de Maio às 2 horas da tarde.

A essa reunião sois convidados todos.

Coragem companheiros! Sempre avante!

A FOSP tinha uma intenção de atingir um número grande de trabalhadores e, por isso, elaborou um manifesto cuja a tiragem foi de cerca de dez mil exemplares¹¹⁰, que foi publicado em português, italiano e espanhol. O manifesto em questão era uma crítica explícita aos socialistas e às comemorações de tipo festivo no Primeiro de Maio, mas, apesar disso, a FOSP, e portanto também o próprio Giulo Sorelli, participou oficialmente também de um evento ocorrido no Theatro Polytheama no período da noite, onde houve a apresentação da peça *1º Maggio*, de Pietro Gori¹¹¹.

Em 1907, houve uma greve geral na cidade de São Paulo que foi generalizada e escalonada. Ela aconteceu diferente dos parâmetros contemporâneos e foi dirigida sobretudo pelos militantes socialistas através das ligas de ofício. Os trabalhadores entravam em greve em uma fábrica ou local e assim que conseguiam a reivindicação, saíam e doavam um dia de trabalho por semana para um caixa, que auxiliava os outros trabalhadores que ainda estavam em greve ou para aqueles que iriam entrar¹¹². Ela começou em 25 de março com a entrada em greve dos trabalhadores em veículos¹¹³, um reduto metalúrgico pioneiro na São Paulo da época, mas teve sua expansão potencialmente aumentada a partir de maio, após a adesão de outros grupos de trabalhadores no dia 03. A pauta principal defendida era a jornada de 8 horas de trabalho e, no final daquele mês, a maior parte das categorias que haviam aderido à greve

110 Jornal Correio Paulistano – “Primeiro de Maio” - 01/05/1907

111 Jornal O Commercio de São Paulo – 01/05/1907

112 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 231

113 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

conseguiram a regulamentação do horário pedido¹¹⁴. Apesar de essa não ter sido a única pauta da greve, já que muitas categorias pararam também em solidariedade¹¹⁵.

A greve de 1907 também serviu para aumentar as diferenças entre socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários. Para os socialistas, por exemplo, a greve era a última opção e os trabalhadores não deveriam fazê-la caso não estivessem preparados para isso ou caso já tivessem conquistado as 8 horas de jornada. Já para os sindicalistas, a greve era o momento ápice no qual os trabalhadores testavam sua forma de organizar e fazer política, bem como suas táticas de organização¹¹⁶. De acordo com Toledo¹¹⁷, o sindicalismo revolucionário, majoritário em São Paulo e na direção da FOSP na primeira década do século XX, era autônomo em relação ao socialismo e ao anarquismo e tinha no sindicato, ao mesmo tempo, o núcleo de reivindicações de melhoria das condições de vida da classe trabalhadora, mas a base de uma nova sociedade futura, dirigida por estes. A greve geral era, para os sindicalistas, a forma de obter conquistas, mas também de experimentar de forma autônoma novas formas de gerir a sociedade, a partir da base da classe.

Dia 14 de maio daquele ano, a polícia invadiu a sede da FOSP que foi fechada e Guilio Sorelli foi preso. Houve a tentativa de expulsá-lo do Brasil, algo que não ocorreu já que era residente há mais de dois anos e tinha filhos brasileiros, mas foi acusado, na ocasião, do sequestro de uma jovem de família abastada, uma forma de o governo tentar justificar a repressão¹¹⁸. Esses fenômenos ajudaram a esmorecer parte do movimento e geraram medo na classe¹¹⁹.

114 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” *in: Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920*. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 239

115 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. *In: Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

116 Idem. pp. 256

117 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Apresentação”. *In: Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 19

118 LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. “Em casa, na rua, em toda a parte: anarquistas em São Paulo nos anos 1890”. *in: Revista Perseu: História, Memória e Política*. Nº 02, ano 02, 2008 pp. 138

119 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. *In: Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

3. O PRIMEIRO MAIO EM SÃO PAULO (1908 – 1918)

Povo! Trabalhadores!

Companheiros! Companheiras!

Levantai-vos! Vinde em massa

O pendão livre esvoaça

Ao claro do porvir!

Jornal La Battaglia¹²⁰

Os comitês de Carestia de Vida e Contra a Guerra e a Segunda Greve Geral

Em 1907 foi aprovada a Lei de Expulsão dos Imigrantes de autoria do deputado republicano Adolfo Afonso da Silva Gordo, em discussão desde pelo menos 1894, mas sancionada após a greve e posteriormente, em 1912, ficou ainda mais agressiva. De acordo com a resolução¹²¹

Decreto n. 1.641 – de 7 de janeiro de 1907

Providencia sobre a expulsão de estrangeiros do território nacional.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1º - O estrangeiro que, por qualquer motivo, comprometer a segurança nacional ou a tranquilidade pública, pode ser expulso de parte ou de todo o território nacional.

Art. 2º - São causas bastantes para a expulsão:

1ª) a condenação ou processo pelos tribunais estrangeiros por crimes ou delitos de natureza comum; 2ª) duas condenações pelo menos, pelos tribunais brasileiros, por crimes ou delitos de natureza comum; 3ª) a vagabundagem, a mendicidade e o lenocínio competentemente verificados.

Art. 3º - Não pode ser expulso o estrangeiro que residir no território da República por dois anos contínuos, ou por menos tempo quando:

- a) casado com brasileira;
- b) viúvo com filho brasileiro.

120 Jornal La Battaglia – Anno VIII – número 352

121 LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Lei Adolfo Gordo” In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Primeira República**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

A Lei focava-se sobretudo na perseguição aos estrangeiros que “prejudicassem a ordem pública”, ou seja, sobretudo em relação aos militantes e teve como efeito a expulsão de muitos trabalhadores imigrantes organizados, como foi o caso do Vincenzo Vacirca, o diretor do *Avanti!*, expulso em 1908¹²².

Nos dias 17, 18 e 19 de Abril, já de 1908, ocorreu em São Paulo o Segundo Congresso Estadual Operário, na sede da Federação Operária de São Paulo, muito embora ela tenha sido fechada no ano anterior, e com Sorelli na direção de volta à São Paulo¹²³. Entre as principais resoluções do encontro estão a neutralidade dos sindicatos e a necessidade de manutenção da conquista de 8 horas¹²⁴. Diversas categorias, muito embora tivessem sido vitoriosas na reivindicação, também a haviam perdido durante o ano que seguiu. Além disso, muitas não tinham conseguido a redução de jornada. Nesse ano não houve Primeiro de Maio público na cidade de São Paulo, mas a FOSP pediu para que os trabalhadores fizessem paralisações nesse dia e, no período da noite, houve no Salão Guarany um encontro de Primeiro de Maio. O chamado da FOSP¹²⁵ foi

(...)

Operarios!

Abandonemos o trabalho mas não ir embriagar-nos ou para fazer qualquer passeio de recreio, mas para demonstrar a nossa força e para fazer ver aos nossos companheiros ainda inconcientes que chega a nossa vontade para fazer trocar coizas.

Hoje, mais que nunca companheiros, devemos ezortar á lutar dos nossos irmãos, hoje mais do que nunca devemos dizer aos nossos patrões: <<Somos fracos ainda e nada podemos fazer, mas dia há de chegar em que, fortes e concientes, alcançaremos o logar que nos é devido e sobre esta sociedade de roubos e angustias instalaremos a verdadeira sociedade de homens livres e iguais. E então, só então festejaremos o trabalho porque será para todos nós factor de bem e de prosperidade. Nesse dia, seja la qual for, seremos verdadeiramente felizes; hoje o nosso coração, cheio de odio contra vós todos, nos faz subir á boca a eterna maldição>>.

A FEDERAÇÃO OPERARIA

122 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 231

123 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Entre Anarquismo e Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

124 Jornal A Lucta Proletária – RELAÇÃO do SEGUNDO CONGRESSO OPERARIO ESTADUAL – 01/05/1908 - Suplemento ao número 14 pág. 02

125 Idem

De acordo com Toledo¹²⁶, o projeto sindicalista revolucionário se intensificou e ganhou corpo com a formação da FOSP e com sua liderança em greves e na direção dos sindicatos. Abertamente inspirados por Georges Sorel, que tinha influência do marxismo e de Proudhon¹²⁷, os sindicalistas tinham também como maior exemplo de organização a CGT francesa (Confederation Générale du Travail ou Confederação Geral do Trabalho) e as Câmaras de Trabalho italianas, e tinham como principal direcionamento ideológico a ideia de independência do sindicato, sem a necessidade de seguir regras de uma ou outra doutrina¹²⁸. Segundo Toledo¹²⁹

O *sindicalismo revolucionário* teve maior sucesso entre os trabalhadores organizados por dois motivos básicos: ele aceitava e defendia a luta cotidiana por melhorias, mesmo que a linguagem fosse revolucionária, e era um esforço para atenuar divergências que dividiam os operários, ou seja, era um fator de unificação.

Em 1909 o Primeiro de Maio teve três comemorações. Dia 30 houve uma festa familiar no Grupo Filodramático Aleandro Aleardi, na Avenida São João, com apresentação teatral voltada para os trabalhadores e suas famílias. A peça era anticlerical, uma prática anarquista de educação proletária¹³⁰. Os anarquistas haviam iniciado um processo para inaugurar uma “Escola Moderna”¹³¹. A ideia era a de uma educação libertadora, observadora e autônoma¹³². É nesse sentido que eventos envolvendo peças teatrais e educativos eram quase sempre de anarquistas ou tinham muito peso de sua presença. Eram, inclusive, parte da ideia que fundamentava uma das principais divergências entre os anarquistas e socialistas, já que, para os primeiros, esse dia deveria ser de educação e luto do proletariado.

No dia primeiro propriamente dito também houve uma caminhada que percorreu da Água Branca até a Lapa, às 11 horas da manhã, provavelmente de um círculo socialista a

126 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Introdução”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 28

127 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Teoria, Prática e História do Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 80

128 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Introdução”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 36

129 Idem. pp. 48

130 Jornal La Lotta Proletaria – s/d - Anno III – nº 36 - “Il Primo Maggio” pág. 02

131 Jornal A Lanterna – “A Escola Moderna” - 20/11/1909 – Anno IV – nº 06 – pág. 03

132 GONÇALVES, Cláudia Tolentino. LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “A Emancipação do Novo Homem: A moral anarquista e a educação libertária nos escritos de Edgard Leuenroth”. In: **Revista Horizonte Científico**. Vol. 05, nº 02 – Dezembro, 2011

outro, mas as falas foram de Sindicalistas Revolucionários como Edmondo Rossoni, naquele momento, sindicalista¹³³. À tarde os trabalhadores foram para a sede da FOSP, dirigida naquele ano por Edgard Leuenroth¹³⁴, onde ouviram os mesmos oradores da manifestação da manhã, mas em um evento dessa vez fechado. O ano de 1909 marcou, então, o retorno dos trabalhadores para as ruas¹³⁵.

Em 1907 foi o centenário do nascimento de Giuseppe Garibaldi, mas o evento só foi comemorado no dia 1º de Maio de 1910, quando o governo brasileiro e o consulado italiano em conjunto inauguraram um busto em sua homenagem no Jardim da Luz, atual Parque da Luz, onde o busto se encontra até hoje. A inauguração contou com a presença de Alceste De Ambris como orador ao lado de Olavo Bilac¹³⁶. A imagem e a figura de Garibaldi exercia uma forte influência em toda a comunidade italiana paulista.

De Ambris havia sido militante do PSI desde 1892 aos 18 anos e chegou ao Brasil pela primeira vez em 1898. No país, ele dirigiu o *Avanti!*, jornal do partido socialista, e tornou-se uma referência para os operários, sobretudo os italianos¹³⁷. Entre os anos de 1903 a 1908 De Ambris esteve na Itália, após ser expatriado do Brasil. Nesse período desenvolveu maior proximidade com os sindicalistas graças à greve geral de Parma e, ao retornar ao Brasil, tornou-se editor do jornal *La Scure*¹³⁸, jornal sindicalista revolucionário. Apesar de, em um primeiro momento, a presença do sindicalista e do poeta causarem certa estranheza, sobretudo por se tratar do dia Primeiro de Maio, havia uma explicação para isso e ela remetia à disputa pela simbologia que a imagem do italiano exercia sobre a colônia fora da Itália, sobretudo entre monarquistas e antimonarquistas. De acordo com Biondi¹³⁹, essa inauguração e a comemoração do centenário de Garibaldi já se gestava desde o ano de 1907, quando seria oficialmente a data, no dia 04 de julho.

133 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Edmondo Rossoni: Entre Dois Mundos”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

134 SANTOS, Kauan Willian dos. “Bem unidos façamos, nesta luta final”: A recepção de ideias e experiências anarquistas em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX”. **“Paz entre nós, guerra aos senhores” - Anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial**. Editora Prismas: São Paulo, 2017

135 Jornal *La Lotta Proletaria* – s/d - Anno III – nº 36 - “Il Primo Maggio” pág. 02

136 Jornal *La Scure* – Anno 1 – nº 03 – 01/05/1910 “Lettere Famgliari”

137 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Alceste De Ambris”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

138 Idem.

139 BIONDI, Luigi. “União e Divisões – Movimento Operário e grupos socialistas nos tempos da FOSP” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 264

Segundo o autor, a iniciativa de comemorar o centenário partiu da Loja Maçônica Roma com uma ideia de unificar a comunidade italiana em torno da comemoração em comum e para isso propôs a formação de um comitê que tinha a presença de socialistas, republicanos e também sindicalistas. A ideia, no entanto, não logrou êxito, já que esse comitê fundiu-se, logo no início de junho com o que havia sido formado pelo cônsul italiano. Esse fato gerou ruptura dos grupos socialistas e republicanos que formaram um comitê paralelo com as organizações que se posicionavam contrários à monarquia. Foi graças a esse comitê antimonarquista que De Ambris e Olavo Bilac, seu amigo, foram oradores no evento¹⁴⁰.

O jornal *La Scure*¹⁴¹ publicou seu discurso e apresentou como sua participação havia sido uma forma de resistência, já que foi uma conquista de um comitê independente, composto por republicanos, socialistas, sindicalistas e operários. O jornal, no entanto, não deixou de criticar o fato de ter ocorrido no dia 1º de Maio. Segundo o jornal¹⁴²

(...) Por que diabos o Comitê preferiu o Primeiro de Maio a outro dia como de costume – 2 de junho, por exemplo – para inaugurar o vigoroso busto modelado por Gallori? Se para você, Garibaldi é amável, respeitável e monumental apenas como um general do exército real e um doador de reinos para a família Savoy. lembre-se de outro Garibaldi, que não é o que ganha os louros oficiais (...) Tudo isso é intangível e abominável. Garibaldi deve ser honrado – não há dúvida – mas na melhor edição *ad usum delphini*. Um Garibaldi bem domado, lamentado, monarquicamente feito. Algo parecido com um Leão no qual a juba foi cortada de acordo com a última moda, unhas cortadas, dentes arrelhados e a cauda bem penteada, com uma fita rosa amarrada no alto, como aqueles cachorros cúmplices de vícios humanos. (...)

Além do evento de Garibaldi também ocorreu uma manifestação da União Operária, no Circulo R. Flor da Juventude, com a participação de operários cariocas e com falas de socialistas e de um representante da FOSP. À noite também houve uma festa no Teatro Polyteama, no qual Garibaldi também foi homenageado, mas com enfoque antimonárquico e priorizando a visão internacionalista e socialista dele. No evento ficou clara a divergência quanto à participação de De Ambris e quanto ao uso da figura de Garibaldi e de sua imagem em disputa. Além disso, os anarquistas do grupo de Leuenroth

140 Idem. pp. 265-266

141 Jornal *La Scure* “La Liberta del Lavoratore” – Suplemento Especial de Primeiro de Maio – 01/05/1910 – pág. 02 [TRADUÇÃO LIVRE]

142 Idem.

se reuniram no Salão Sant'Anna com o objetivo que angariar fundos para a fundação Escola Moderna¹⁴³.

Em 1911, pela primeira vez o governo dispensou seus servidores no dia Primeiro de Maio¹⁴⁴. Em outros momentos e outros anos houve dispensa de alguns trabalhadores, como os sapateiros, e houve também paralisações coletivas a depender do ano e do local. Mas no ano de 1911 Hermes da Fonseca deu ponto facultativo no Congresso Constituinte, e a Câmara de São Paulo fez a mesma coisa¹⁴⁵. Esse fato foi explorado pelos anarquistas, que criticaram muito tanto o fato de haver a dispensa sendo realizada por parte governamental, como porque houve também festas organizadas por empresários, como no caso da Cia. Litográfica Hartermom Reichenbark, que promoveu uma comemoração com seus operários no espaço onde viria a ser o Hospital Alemão¹⁴⁶.

Além dessas festas também houve os encontros nos Círculos Socialistas como os do Centro Socialista Internacional e do Centro Socialista Francisco Ferrer, que promoveram piqueniques e festas nos Parques do Jabaquara, Saúde e Cantareira¹⁴⁷, bem como a Sociedade de Auxílio Mútuo, União Operária da Barra Funda¹⁴⁸ fez uma festa na sua sede. Os Sindicalistas, por sua vez, fizeram uma conferência com a fala de Guilio Sorelli no salão Celso Garcia, no Brás, com falas e apresentação teatral¹⁴⁹.

A manifestação foi, portanto, naquele ano, separada, tendo ao menos três lugares diferentes de ocorrência. Apesar disso, em novembro começou a se constituir em unidade um Comitê contra a Guerra Ítalo-Turca¹⁵⁰, a qual socialistas e anarquistas se opunham. Na Itália, a ala intelectual dos sindicalistas revolucionários passou a ter tendências nacionalistas e começou a defender a guerra como um momento em que poderia haver uma abertura para uma revolução proletária e essas são esperanças que duram até o início da Primeira Guerra Mundial¹⁵¹. No Brasil, no entanto, essa não foi uma divergência.

143 O ESTADO DE SÃO PAULO – “O PRIMEIRO DE MAIO” – 02/05/1910 – Anno XXXVI, Número 11463, pág. 04

144 Jornal La Battaglia – “Sermone del 1o Maggio” – 30/04/1911 - Anno VII, no 304, pág. 02

145 Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO – “Congresso Constituinte – Sessão em 1o de Maio” – 02/05/1911 – Anno XXXVII, no 11826, pág. 02

146 Jornal La Battaglia – “Primo Maggio Allegro” – 07/05/1911 - Anno VII, no 305, pág. 03

147 Correio Paulistano Orgam do Partido Republicano – “Primeiro de Maio” – 2 de Maio de 1911 – Número 17152, pág. 03

148 Jornal Correio Paulistano Orgam do Partido Republicano – “UNIÃO OPERARIA SOCORRO MÚTUOS DA BARRA FUNDA” – 30/04/1911 – Número 17150, pág. 07

149 Jornal Correio Paulistano Orgam do Partido Republicano – “DIVERSÕES NO BRAZ” – 05/05/1911 – Número 17151, pág. 05

150 Jornal A Lanterna – “O comício de hoje” – 11/11/1911 - Anno X, Número 112, pág. 02

151 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Teoria, Prática e História do Sindicalismo”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 121

Ainda em 1911 houve a tentativa de realizar um ato no centro da cidade de São Paulo em unidade entre as distintas correntes, mas ele não chegou a ocorrer porque seria justamente no dia do aniversário do cônsul italiano¹⁵², o que motivou a uma prisão antecipada de 14 militantes operários de diversas correntes, entre socialistas, anarquistas e sindicalistas, por parte do governo e solicitada pelo consulado italiano.

Em novembro de 1911 houve um chamado para uma manifestação em homenagem aos Mártires de Chicago, que caminhou do Largo da Concórdia, no Brás, até o Largo São Francisco. Foi um evento que não só falou sobre o dia Primeiro de Maio, mas também se manifestou contra a Guerra, que naquele momento ainda estava se ensaiando¹⁵³.

Em 1912 o ato que estava marcado para acontecer no Largo São Francisco às 19h30 foi esvaziado em decorrência da chuva que caiu na cidade. Organizado pela União dos Pedreiros e Serventes, cuja a sede ficava no Bixiga e era de maioria Sindicalista¹⁵⁴, a manifestação, apesar de vazia, contou com uma comissão das Ligas Operárias que caminhou pela cidade com uma bandeira da União dos Pedreiros¹⁵⁵. Além disso, esse foi um ano que teve uma série de comemorações descentralizadas, começando inclusive no dia 30 de abril com a festa familiar com a exibição da peça de teatro *Don Pietro Caruzo*, além da fala de Edgard Leunroth.

No dia primeiro mesmo os eventos começaram com manifestações chamadas pelos Centros Socialistas, pelo Centro Francisco Ferrer e pelo Internacional na Moóca, às 8h. Seguindo uma banda e com falas de oradores, a manifestação caminhou até o salão Celso Garcia, no Brás, onde encontrou-se com a União dos Canteiros e com o Centro Libertário¹⁵⁶. Às 9h30, novamente Edgard Leunroth e outros oradores falaram. A manifestação durou até 12h, quando os trabalhadores que estavam reunidos ali marcharam até a rua da Consolação e lá dispersaram.

Os sindicatos União dos Canteiros, União dos Pedreiros e Serventes, Sindicato dos Sapateiros e os grupos libertários – anarquistas - Guerra Social, Aurora e Liberdade¹⁵⁷ distribuíram um manifesto no qual anunciaram a formação da Liga Popular Contra a

152 Jornal A Guerra Social – Periodico Anarquista – “Sobre a guerra” – 05/05/1911 – Anno I, Número 08, pág. 01

153 Jornal A Guerra Social – Periodico Anarquista – “Os Mártires de Chicago” – 05 /05/1911 – Anno I, Número 08, pág. 002

154 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Alceste De Ambris”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

155 Jornal “A Lanterna” - 01/05/1912 - Anno XI, número 137 – p. 03

156 Idem.

157 Jornal La Battaglia – s/d - Anno VIII – Número 352

Carestia de Vida e conclamaram os trabalhadores a se unirem em associações e sindicatos, como podemos ver¹⁵⁸

Os operários de S. Paulo, reunidos em um grande comício no Salão Celso Garcia para comemorar a festa de 1º de Maio, decididos mais do que nunca a prosseguir na luta para a reivindicação dos seus direitos de dia para dia em crescente menosprezo por parte dos dominadores da sociedade capitalista e, conscientes do valor da solidariedade nessa mesma luta afirmam o seu decidido propósito, de iniciar com a reunião de hoje um activo e constante trabalho de organização dos sindicatos das diversas categorias de operários de S. Paulo, sem o que seus esforços se tornarão nullos pela falta de uma acção conjunta das innumeradas energias dispersas.

Em 1912, portanto, foi justamente no dia 1º de Maio que foi fundado o Comitê Pela Carestia de Vida, mecanismo de unidade entre os grupos militantes e correntes que foi essencial para a reorganização dos trabalhadores. Uma semana depois da manifestação, os trabalhadores sapateiros da Clark e os tecelões e tecelãs das fábricas Mariângela e Santana iniciaram uma greve pela jornada de 8 horas e meia de trabalho. Os primeiros tiveram êxito, mas os segundos não¹⁵⁹.

A Lei Adolfo Gordo também aumentou seu alcance a partir daquele ano, em resposta as greves que haviam ocorrido no primeiro semestre, encabeçadas sobretudo pelos trabalhadores da construção civil e do setor de calçados. O aumento da perseguição aos trabalhadores estrangeiros, bem como a crise econômica, gerou piora nas condições de vida dos trabalhadores e suas famílias. Isso pode ter acarretado também uma diminuição da atividade militante sindicalizada, mas gerou, por outro lado, organizações que ultrapassavam as barreiras de classe e ofício¹⁶⁰.

Em 1913 houve diversos atos descentralizados para comemorar o Primeiro de Maio, inclusive porque as manifestações que foram marcadas pelo Comitê Popular Contra a Carestia da Vida foram reprimidas¹⁶¹. O comício que havia sido marcado em frente única sequer chegou a ocorrer porque foi proibido pela secretaria de segurança. As outras

158 Jornal "A Lanterna" - 11/05/1912 - Anno XI, número 138 – p. 02

159 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. "Introdução". In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996.

160 SANTOS, Kauan Willian dos. "Bem unidos façamos, nesta luta final": A recepção de ideias e experiências anarquistas em São Paulo nas duas primeiras décadas do século XX". **"Paz entre nós, guerra aos senhores" - Anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial**. Editora Prismas: São Paulo, 2017

161 Jornal A Lanterna – "O povo contra o regime da fome" – 26/04/1913 – Anno XII, Número 188, pág. 02

manifestações de Primeiro de Maio foram exitosas¹⁶². Já uma tradição, a festa familiar do dia 30 ocorreu no Salão Alhambra, na Marechal Deodoro. Foi uma conferência de propaganda organizada pelos sindicatos operários¹⁶³. Outra, organizada pela União dos Canteiros, saiu às sete horas da manhã do Largo do Riachuelo, percorreu o Triângulo Central e terminou no Salão Celso Garcia, no Brás. Apesar disso, não atingiram uma quantidade muito grande de público, talvez em decorrência da situação da guerra ou da desorganização da FOSP¹⁶⁴. De acordo com Biondi, há uma cisão entre militantes naquele ano causada pela divergência em relação ao posicionamento que o governo italiano deveria ter na Guerra, sobretudo na Itália, mas com reflexos no Brasil. Parte dos militantes, socialistas e sindicalistas, se colocava favorável às investidas italianas na Líbia, já que achava que era uma “Guerra colonial dirigida por uma nação proletária”¹⁶⁵. Já os anarquistas e a maioria dos socialistas se posicionaram veementemente contra a guerra.

A União dos Canteiros esteve presente no Largo do Riachuelo, também com uma delegação de trabalhadores que estavam usando luvas e cravos na lapela (um símbolo socialista), fato que foi criticado por grupos anarquistas, assim como já haviam sido criticados os pedreiros no ano de 1911¹⁶⁶. Na mesma manifestação, um grupo de trabalhadores saudou a polícia ao passar em frente ao batalhão que estava lá contendo as ações¹⁶⁷. Os anarquistas, via jornal *A Lanterna*, também expressaram a decepção com a burocracia e a falta de organização dos trabalhadores¹⁶⁸

Em S. Paulo a grande data proletária foi comemorada com os actos por nós anunciados. Não houve o entusiasmo do tempo em que a saudosa Federação Operária chegou a reunir uma parte considerável dos trabalhadores, mas sempre se fez o que estava nas possibilidades das agremiações ora em reconstituição.

Em 1914 a manifestação do Primeiro de Maio foi no Largo da Sé, às 10h, e contou com participação de pelo menos 1500 trabalhadores. Ela foi convocada em unidade entre

162 Jornal A Lanterna – “VIDA OPERARIA – EM S. PAULO – 1o de Maio” – 26/04/1913 – Anno XII, Número 188, pág. 03

163 Jornal A Lanterna – “Edição Especial de 1o de Maio” – 01/05/1913 – Anno XII, Número 189 – Edição de 4 páginas

164 Jornal A Lanterna – “Echos do 1o de Maio” – 17/05/1913 – Anno XII, Número 191, pág. 02

165 BIONDI, Luigi. “Reconstruções: A reorganização dos socialistas italianos, 1913-1916” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 296

166 Jornal A Guerra Social – Periodico Anarquista – “Os Pedreiros” – 05/11/1911 – Anno I, Número 08, pág. 01

167 Jornal A Lanterna – “Grande Festa Operária” – 17/05/1913 – Anno XII, Número 191, pág. 04

168 Jornal A Lanterna – “Echos do 1o de Maio” – 17/05/1913 – Anno XII, Número 191, pág. 02

os sindicatos, associações de trabalhadores, anarquistas, socialistas e sindicalistas revolucionários em uma reunião que ocorreu na sede da *Legha della Democrazia*¹⁶⁹, uma associação fundada por socialistas italianos que retomava a *Legha Democratica* de 1900-1901.¹⁷⁰ Os grupos reunidos formavam, desde o ano de 1912, o Comitê Popular de Agitação Contra a Carestia da Vida¹⁷¹ e lançaram um manifesto que foi afixado em diversos lugares da cidade.

A principal pauta foi, portanto, a carestia de vida e foi escrito em unidade entre anarquistas e socialistas. O manifesto-chamado distribuído continha as seguintes passagens¹⁷²:

(...) Os representantes das associações que compareceram a reunião de sábado, levando em conta que o proletariado, em todos os países, no dia 1o de maio, além de dar a sua adesão á ideia da fraternidade universal, manifesta a suas opiniões e faz os seus protestos sobre os factos que mais directamente lhes dizem respeito, deliberaram dirigir um apelo ao proletariado de São Paulo, para que faça, neste dia, uma demonstração de protesto contra as causas da falta de trabalho e da carestia de vida.

Não é com uma reunião na praça pública, nem tampouco com o que se resolve com uma assembleia, que tais causas desaparecem; certamente no dia imediato ao 1o de Maio, tudo continuará como na véspera.

Outros porém eram os fins da reunião. Há milhares de operários completamente esquecidos. Os jornais publicam diariamente muitas notícias a respeito das desgraças dos homens de negócio; mas nada dizem a respeito das desgraças dos proletariados que se acham sem trabalho e sem garantia de pão. Pois bem, no dia 1o de Maio, estes que sofrem serão convidados a externar suas dores e a demonstrar como, cumprindo seus deveres, as classes dirigentes possam aliviá-las. (...)

Além da manifestação na Praça da Sé, outras ocorreram nas sedes das ligas nos bairros. Elas podem ter iniciado, ocorrido e acabado nos próprios bairros, mas também podem ter sido espécies de aquecimento ao menos para uma parte da classe trabalhadora presente nesses eventos, que migrou ou caminhou para o centro da cidade depois para a participar da manifestação na Praça da Sé. A unidade contra a guerra feita entre anarquistas e socialistas foi fundamental para alavancar a reorganização dos trabalhadores paulistas. Dela decorrem, além do Comitê Contra Carestia da Vida, outras comissões que

169 Jornal La Propaganda Libertaria – “PRIMEIRO DE MAIO” – 01/05/1914 – Número 10, pág. 01

170 BIONDI, Luigi. Idem.

171 Jornal A Guerra Social – Periodico Anarquista – “A questão da Carestia de Vida em São Paulo” – 1º/05/1913 – Anno I, Número 08, pág. 01

172 Jornal A Rebelião – “Edição de 1o de Maio” – 01/05/1914 – Ano 1, Número 1, Edição com 4 páginas.

também foram essenciais, sobretudo para a organização da Greve Geral de 1917, como o Comitê pró-vítimas em São Paulo e o Comitê Contra o Trabalho Infantil. A festa de tipo familiar do dia 30 de Abril não deixou de acontecer também, foi no Centro Libertário e teve a apresentação da peça *Primo Maggio* de Pero Gori, falas de oradores, quermesse e baile.

Houve grande participação dos trabalhadores e dos Centros Libertários e Socialistas, além da União dos Canteiros, da União dos Gráficos, da própria Liga da Democracia, do Circulo F. dos Estudos Sociais Francisco Ferrer, Grupo de Estudos Sociais de Água Branca e Centro Socialista Internacional. Os trabalhadores caminharam a partir do Brás, passando pela Praça da Sé, Largo São Francisco, Anhangabaú e falaram palavras de ordem. Além disso, na própria manifestação foi aprovada uma moção na qual os trabalhadores se colocaram contrários à expatriação sofrida por dois trabalhadores portugueses das docas de Santos de volta para Lisboa graças à Lei Adolfo Gordo.

O Primeiro de Maio de 1915 foi convocado pela Comissão Internacional contra a Guerra e teve um forte componente antibeligerante e internacionalista. A Comissão, formada pelas organizações socialistas e anarquistas, sobretudo do Centro Socialista Internacional, Centro Libertário, *Deutschen Graphischen Verbandes für Brasilien*, Associação Universidade Popular de Cultura Racionalista, *Allgemeine Arbeiterevien*, Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer, Grupo Anarquista “Os Sem Pátria da Lapa”, União dos Canteiros, Federação Hespanhola, Grupo Feminino Jovens Idealistas, o *Avanti!*, o *La Propaganda Libertária*, o *A Lanterna* e o *Volksfreund*¹⁷³ decidiu organizar o Primeiro de Maio explicitamente contrário à burguesia e á guerra¹⁷⁴.

A MOÇÃO APROVADA

<<O proletariado cosmopolita de S. Paulo, reunido em comício no Largo da Sé, para comemorar a data de 1o de Maio, que simboliza sua universal batalha contra a exploração e a tirania das quais é vítima, e afirmar o seu direito a uma vida de bem estar e liberdade comum, - que está disposto a conquistar -;

Afirmando á sua mais formal repulsa, a sua absoluta condenação a guerra com a qual o capitalismo, sempre insaciável de ouro e de vidas humanas, procurando deter o progresso do socialismo internacional em suas várias escolas – que já se fazia preliquirar de seu domínio nefasto para substitui-lo pela sociedade de igualdade

173 Jornal A Lanterna – “1º de Maio” - 01/05/1915 - Anno XIV – nº 279 pág.02

174 Jornal A Lanterna – “OS COMICIOS NO CENTRO E NOS ARRABALDES – A REUNIÃO DA ESCOLA MODERNA No 1” – 15/05/1915 – Anno XIV, Número 280, pág. 02

economica e social -, arrastou para os campos da morte, em defesa de seus interesses eguisticos, o povo trabalhador, obrigando-o a sacrificar-se numa luta odiosa, por uma causa que não é sua;

Dirigindo seu fraterno amplexo a todos os quantos, só tendo razões para se amarem, se encontram neste momento no campos de batalha massacrando-se mutuamente, para satisfazer os caprichos criminosamente infames dos embusteiros das diplomacias e das suas saudações ás mães esposas e filhos daqueles que sucumbem na guerra, quando deviam fazer produzir os campos e as fabricas, proporcionando a abastança para todos;

Fazem votos para que as massas proletárias internacionais, reunindo as suas forças, consigam, com uma acção enérgica e decisiva, pôr termo á horrível matança humana, vigiando atentamente os conluios diplomáticos para que não impençam mais uma vez o desarmamento geral dos exércitos, como base segura da paz universal e do progresso que deve estabelecer o regimen nacional do internacionalismo e da equidade social.

E, animado por estes sãoos princípios, declara-se disposto a prestar todo o seu franco apoio á obra que está desenvolvendo a C.I.C. a Guerra>>

O ato ocorreu às 9h30 no Largo da Sé, mas antes partiu do Brás e do Largo do Riachuelo, onde às 8h00 os grupos de trabalhadores se reuniram para marchar até a Sé. A comissão escreveu um manifesto em conjunto que foi publicado em jornais com *A Lanterna*¹⁷⁵. Nas manifestações falaram Edgard Leuenroth, Vittorio Butis, José Romero, Francisco Calvo, Maria Antonia Soares e outros, sendo discursos em português, italiano, espanhol e alemão¹⁷⁶. Além das manifestações de rua, a festa familiar ocorreu no dia 30, um dia antes, na sede da Escola Moderna, no Belenzinho¹⁷⁷.

Na manifestação da Praça da Sé, a moção que havia sido escrita pela Comissão Internacionalista foi lida e aprovada¹⁷⁸.

As manifestações de 1916 começaram nos bairros, de manhã, às 9h¹⁷⁹. Houve pelo menos uma no Brás, para concentrar os trabalhadores e caminhar até a outra, marcada para as 18h30 na Praça da Sé, em unidade contra a Burguesia, no entanto, houve um enclave nesse momento. O *Avanti!* foi amplamente criticado por não ter tomado parte do protesto¹⁸⁰. A crise entre os socialistas italianos a respeito da participação na Primeira

175 Idem. pp. 04

176 Jornal A Lanterna – “A grande manifestação de 1º de Maio” - s/d - Anno XIV – nº 280 pág.04

177 Correio Paulistano Orgam do Partido Republicano – “A festa do trabalho” – 2/05/1915 – Número 18603, pág. 08

178 Jornal O ESTADO DE SÃO PAULO – “O 1o DE MAIO” – 02/05/1915 – Anno XLI, no 13278, pág. 05

179 Jornal Guerra Sociale – Periodico Anarchico – “1o de Maio” – 29/04/1916 – Anno 6, Número 07, pág. 03

180 Jornal A Lanterna – “24 de Maio – Uma manifestação contra a guerra e contra a burguezia que a provocou” – 22/07/1916 – Anno XV, Número 290, pág. 03

Guerra Mundial havia se sobreposto. Em outubro de 1916 na Rua do Carmo, os anarquistas inauguraram o Centro Libertário¹⁸¹.

Entre junho e julho de 1917 ocorreu a Greve Geral em São Paulo, com participação de cerca de 50 mil trabalhadores e fruto de organização de sindicalistas, socialistas e anarquistas na cidade. O ano de 1917 foi especial na história da luta de classes e da classe trabalhadora. De acordo com Biondi¹⁸².

De forma geral, o ano de 1917 foi caracterizado mundialmente por toda uma série de protestos, motins e greves sem precedências; o evento máximo foi (como todos sabemos) a Revolução Soviética, momento ligado exatamente a processos de organização sindical e política, no qual se misturavam fenômenos de autoconstituição de direção externa das organizações operárias, os quais surgiam de um estado de revolta aberta, além da luta contratual normalmente praticada entre empresários e trabalhadores.

A greve geral já estava sendo chamada desde março, quando o Comitê Popular de Agitação Contra a Exploração das Crianças e o Comitê Contra a Guerra tinham lançado campanhas através de comícios e passeatas contra a exploração das crianças, contra a carestia de vida e contra as listas de recolhimento de colaborações financeiras, o desconto pró pátria, passadas por mestres e artesãos aos trabalhadores para apoiar a guerra¹⁸³.

O Primeiro de Maio foi também imponente, com manifestações ocorrendo desde o período da manhã até a noite na união entre as diferentes correntes sindicais. Naquele ano houve, novamente, reuniões nos bairros operários do Brás, Lapa, Cambucy, Bom Retiro, Moóca e Pary. A maior pauta foi contra a Primeira Guerra Mundial¹⁸⁴ e foi organizado por diversos grupos em frente única. Denominada Comitê de Defesa Proletária composta pelos grupos Centro Libertário, a Sociedade Escola Moderna, o Centro Socialista Internacional, a Aliança Anarquista, a Liga de Resistência dos Canteiros de São Paulo, a

181 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Capítulo I: O despertar”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996. p. 23

182 Idem. 319

183 BIONDI, Luigi. “Insurreições: A atuação dos socialistas da Greve Geral de 1917 ao limiar dos anos 1920” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp.326

184 Jornal Guerra Sociale – “A passeata pelo centro” - 12/05/1917 - Anno 7, Número 49, pág. 05

União Libertária da Lapa, o Sindicato dos Canteiros de Ribeirão Pires, o Grupo “Os semeadores” do Brás e Circulo Socialista da Água Branca¹⁸⁵.

A partir das 19h as reuniões operárias marcharam dos bairros para o Largo da Sé, onde a manifestação continuou. Abertamente contrária a Guerra e com greves que já haviam iniciado no mês de abril, a manifestação de Primeiro de Maio de 1917 foi cercada de policiais que estavam contendo o tamanho e a movimentação dos trabalhadores, o que não impediu que esses percorressem o triângulo central da cidade, vaiando o pelotão de divertimentos públicos, responsável pela ostentação da manifestação, e parando em frente à sede do *O Estado de S. Paulo* para vaiar o jornal¹⁸⁶. Apesar de toda a hostilidade policial, a manifestação ocorreu bem¹⁸⁷

A PASSEATA PELO CENTRO

Eram quasi 22 horas quando os manifestantes se puseram em movimento em direção á rua 15 de Novembro, em grande columna, a cuja frente iam as duas bandeiras vermelhas. E assim, cantando os hymnos revolucionários, dando morras á sociedade burgueza, estimatizando a guerra, o sorteiro obrigatório, etc erguendo vivas aos nossos ideaes e levando os punhos cerrados para os burguezes que, medrozamente deixam ver suas caras nas janelas, seguiu a manifestação pelas ruas 15, Boa Vista, S. Bento, Direita e Largo da Sé, onde dois companheiros falaram dando por terminada a demonstração e concitando os trabalhadores a lutar pela sua causa.

Terminada a passeata que realizou sem que, como era desejo de certa gente, se hostilizasse qualquer casa pertencente a esta ou aquela nacionalidade, mas unicamente a sede camorra de Matarazzo, que foi alvo de ensurdecedora vaia, se encaminhou uma parte dos operarios do Braz para o Salão Germinal, onde, ante uma assistencia enorme, falaram dois companheiros.

No dia 22 de maio a Comissão Organizadora da Liga Operária de São Paulo fundou a União Geral dos Trabalhadores, UGT, cuja principal intenção era agrupar os trabalhadores por bairro, sem distinção de gênero ou ofício¹⁸⁸ e ocorreu uma reunião para organizar a Greve Geral. Essa estratégia foi uma forma de agrupar de uma só vez diferentes demandas, que iam desde a carestia da vida, jornada e condições de trabalho e moradia, até a exploração do trabalho infantil. Várias ligas foram reorganizadas ou refundadas e em agosto daquele mesmo ano, a Federação Operária de São Paulo também

185 Jornal Guerra Sociale – Periodico Anarchico – “Edição Especial de 1o de Maio” – 01/05/1917 – Anno 7, Número 48, Edição com 8 páginas

186 Jornal Guerra Sociale – Periodico Anarchico – “Guerra á Guerra – A ethusiastica manifestação de 1o de Maio” – 12/05/1917 - Anno 7, Número 49, pág. 06

187 Jornal Guerra Sociale – “A passeata pelo centro” - 12/05/1917 - Anno 7, Número 49, pág. 05

188 Idem. pp. 336

foi, mas dessa vez com a ideia de ser um amplo espaço de múltiplas organizações¹⁸⁹. De acordo com Toledo¹⁹⁰

A Greve Geral de 1917 envolveu milhares e milhares de trabalhadores, e bairros operários como o Brás, a Moóca e o Ipiranga ficaram completamente tomados pelos grevistas. Embora seja verdade que a maioria das greves do período, não só no Brasil, estavam intimamente ligadas a períodos de grande carestia e fome, não se pode pensar que greves como a de 1917 se dessem somente ao espontaneísmo e à improvisação. Elas não surgiam do nada, mas estavam ligadas a experiências, mesmo que temporariamente adormecidas, de organização dos trabalhadores.

A Greve de 1917 iniciou-se no Cotonifício Crespi no dia 04 de maio. As principais demandas eram o aumento salarial, o fim do trabalho noturno para menores de 18 anos e mulheres, o fim do trabalho de menores de 14 anos e contra a carestia de vida, aumento salarial entre 25% a 35% a depender da faixa de recebimentos, preços de aluguéis de desvalorização do salário diante da inflação, fixação de preços de alimentos e subsídio do Estado, a depender do caso¹⁹¹. Houve, portanto, uma aliança solidária entre a classe trabalhadora e a comunidade urbana a partir de seus locais de moradia, reivindicando melhorias tanto salariais quanto de condições de vida e a percepção do Estado como mediador desse conflito. De acordo com Toledo¹⁹²

As greves e revoltas como as ocorridas no Brasil em 1917 foram uma resposta racional de grupos que se sentiram com algum poder para melhorar suas condições, ou mesmo para tomar os alimentos como demonstraram os saques ocorridos durante as greves. Para Thompson, a revolta não é uma resposta óbvia natural, mas um padrão sofisticado de comportamento coletivo, no qual os trabalhadores elaboram uma noção de justiça e uma teoria do direito à subsistência.

A greve de 1917 auxiliou a organizar e reorganizar os sindicatos e deu início a um novo ciclo de lutas que prolongou-se até 1920. Segundo Lopreato¹⁹³

189 BIONDI, Luigi. “Insurreições: A atuação dos socialistas da Greve Geral de 1917 ao limiar dos anos 1920” in: **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora UNICAMP: Campinas, 2015. pp. 346

190 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Introdução”. In: **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004. pp. 53

191 TOLEDO, Edilene Teresinha. “Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917” in: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 30, nº 61 – maio-agosto, 2017 pp. 497-518

192 Idem. pp. 501

193 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Introdução”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996. p. 23

A paralisação iniciada em maio pelos trabalhadores têxteis foi, aos poucos, ganhando a adesão de outras categorias e, a partir de junho, o movimento foi se agigantando. Os industriais, perplexos com a capacidade de arregimentação dos grevistas e assustados com as agitações operárias, convocaram a Força Pública para guarnecer as fábricas.

Já em agosto de 1917, a polícia acusa os organizadores e dirigentes dos anarquistas e dos sindicalistas de promover uma conspiração. De acordo com a acusação, socialistas, anarquistas e sindicalistas estavam se organizando para promover o caos social na cidade de São Paulo. Isso foi justificativa para promover a invasão aos salões e às sedes de ligas operárias, às casas de trabalhadores, além da realização de prisões arbitrárias e torturas. 25 militantes operários foram presos. Entre esses, nove foram expulsos do país. Gigi Damiani novamente sofreu a tentativa de expulsão, mas conseguiu manter-se no país porque já residia em São Paulo há oito anos naquela altura, além de possuir um terreno no Paraná, ser casado e ter uma profissão. Leuenroth, brasileiro, ficou preso até março de 1918, quando foi absolvido da acusação do crime de roubo por um júri popular¹⁹⁴. Apesar da dura repressão e dos ataques, de acordo com Lopreato¹⁹⁵

A partir de 1917 a “questão operária”, negada por uns e “esquecida” por outros, passou a ser objeto de discussão a nível do Estado e da sociedade civil. Em 1919, a “questão operária” foi reconhecida também em sua dimensão política ao ser incluída na plataforma de candidatos a cargos eletivos como na campanha presidencial de Rui Barbosa e na plataforma de governo de Washington Luís, candidato à presidência de São Paulo, no quadriênio de 1920-1924.

Em 1918, além da repressão, a população mundial estava enfrentando desde janeiro a Gripe Espanhola e por isso, a manifestação de Primeiro de Maio foi apenas no dia 30. Ocorreu uma conferência fechada, uma “velada de propaganda” organizada pela Federação Espanhola, com encenações teatrais e baile de dança¹⁹⁶. Outra reunião que ocorreu foi a festa da União dos Artífices em Calçados, que também contou com teatro e festa no Salão Celso Garcia. Houve também uma propaganda do Theatro Colombo, no

194 LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “Capítulo V: O Desfecho”. In: **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996.

195 Idem. Pág. 215

196 O Combate – Independência, Verdade, Justiça – “Movimento Operário” – 30/05/1918 – Ano 4, 892, pág. 02

Largo da Concórdia, onde se divulgou a exibição da peça “A Conquista da Felicidade” em homenagem à “data do trabalho – 1o de Maio”¹⁹⁷.

A Aliança Anarquista lançou a seguinte a nota¹⁹⁸

Alliança Anarchista de S. Paulo

Em resposta a solicitações diversas da parte de grupos libertarios e Ligas Operarias, pedindo publicações ocasionaes e oradores, - a Comissão de Correspondencia da Alliança Anarchista de S. Paulo, considerando a excepcionalidade do momento e de posse de certas informações reservadas, julga seu dever <<aconselhar>>, que, no ESTADO DE SÃO PAULO, os operarios se abstenham completamente de tomar parte, no dia 1o de Maio em quaesquer demonstrações ou festejos de caracter social, porquanto, devido ao estado de sitio e á sua interpretação pelas autoridades, no melhor dos casos não poderiam ter outro resultado que o desprestigio do movimento proletario e a desvirtuação dos fins por elle almejado. [sic]

A Revolução Russa de outubro de 1917 e o fim da Primeira Guerra Mundial, bem como o ascenso do fascismo, promoveram uma mudança significativa da organização da classe trabalhadora e dos militantes a nível nacional e internacional. Em 1919 foi fundada a III Internacional, ou a Internacional Comunista, Komintern. A sua fundação promoveu uma ruptura entre as ações de anarquistas e socialistas, sobretudo pelas consequências da Guerra Civil¹⁹⁹. Em 1922, foi fundado o Partido Comunista Brasileiro como seção brasileira da III Internacional.

Até aqui realizamos uma ampla descrição das manifestações de Primeiro de Maio no recorte proposto nas duas partes do trabalho. A partir de agora, faremos uma análise reflexiva desses processos ao longo das considerações finais.

197 O Combate – Independência, Verdade, Justiça – “1o de Maio” – 01/05/1918 – Ano 4, 893 , pág. 01

198 O Combate – Independência, Verdade, Justiça – “Movimento Operario” – 01/05/1918 – Ano 4, 893 , pág. 01

199 BROUÉ, Pierre. “Uma guinada incerta e sangrenta”. In: **História da Internacional Comunista. (1919-1943) – Tomo I.** Editora Sundermann: São Paulo, 2007. p. 105

4. A CLASSE OPERÁRIA CONSTRÓI O SEU DIA - PRIMEIRO DE MAIO: O DIA DO TRABALHADOR

Venha o Maio que as gentes o aguardam

te saudamos com o coração livre

doce Páscoa dos trabalhadores

venha e brilhe como a glória do Sol

Hino do Primeiro de Maio – Pietro Gori

(Tradução Livre)

Características, invenções, continuidades e rupturas

Estudar a classe operária paulista na virada do século XIX e nas primeiras décadas do século XX pode parecer algo já feito e até esgotado em alguns aspectos. No entanto, há um vasto rol de temas e assuntos a serem ainda explorados, bem como amplas divergências e diferenças metodológicas de pesquisa e análise que quiçá jamais serão sanadas. E talvez nem tenham que ser, já que há também formas diferentes de se encarar o tema, sendo os historiadores também guiados por suas demandas no presente, bem como por sua ideologia.

Edward Palmer Thompson realizou uma proposta de análise da classe trabalhadora que fugiu dos determinismos que pautaram o estudo e a forma de representar a classe até pelo menos os anos 1960. Thompson enxergou os trabalhadores não somente como uma condição material determinante, mas como agentes que têm identidade forjada no cotidiano, no espaço e no tempo e, portanto, na história. Nesse sentido, questionou a ideia

de que a consciência de classe é algo que se adquire de fora para dentro de forma evolutiva e que, uma vez que se apresenta, nunca mais se perde. Para ele não são só as condições materiais, mas também a organização e associação de trabalhadores em torno de uma pauta, programa ou defesa de interesses, a partir de métodos, táticas e repertório de luta, que constroem a identidade que a classe trabalhadora tem de si mesma e de outros setores da sociedade. Essa identidade, no entanto, não é estática e pode oscilar com outras a depender do momento e da necessidade. Thompson também tomou como fontes aquelas que tinham a voz dos trabalhadores como predominante.

Ao longo de toda a história as identidades que os trabalhadores assalariados e operários têm são múltiplas. No caso de São Paulo, no final da década de 1890 e nas duas primeiras décadas do século XX, como vimos, a identidade étnica muitas vezes entrou em conflito com a identidade de classe - como em 1910, com a inauguração do busto de Garibaldi. Em outros momentos foram os interesses dos trabalhadores que se sobrepuseram à nacionalidade, local de moradia e trabalho e até às demandas populares. Essa é uma relação que depende de inúmeros fatores para ocorrer e não está posta de antemão. São formas sofisticadas de ação e não naturais, mas feitas de forma consciente e com objetivos claros. Não necessariamente as condições de vida e de trabalho impõem a necessidade da luta para a classe trabalhadora e, mesmo que isso ocorra, nem sempre há identificação de classe para a unidade entre pares.

A ideia de estudar a classe trabalhadora como uma classe global, como propôs Van Der Linden, também está inserida em debates que reveem a influência unilateral de países de capitalismo avançado e com classe trabalhadora numerosa, que predominou em relação à visão da forma como se estudou a formação dos mecanismos de classe no Brasil. De acordo com a proposta do autor, há mútua influência entre trabalhadores em

todo mundo, mesmo em regiões periféricas, de forma que as experiências feitas em um local também se refletem em outro, em uma relação transnacional.

Claro que em São Paulo, no recorte estudado, existiu uma imensa influência da classe trabalhadora imigrante, organizada inclusive em partidos internacionais, e que já havia tido experiências como a organização do Primeiro de Maio em Roma, em 1891. Esses imigrantes, no entanto, também chegaram em um país cujo modo de produção escravista havia acabado de se encerrar formalmente e isso havia sido fruto de processos de luta e de organização de escravizados e seus aliados. Nesse sentido, é possível que tenha havido trocas de ideia e de influências também, ainda que isso não apareça nesse trabalho. De qualquer forma, as trocas de correspondências, cartas e as próprias idas e vindas de imigrantes da Europa para a América e dentro da própria América, fizeram com as ideias e táticas de organização circulassem entre os militantes e trabalhadores.

Para o autor há também uma relação de classe trabalhadora expandida, que abarca não só os operários e assalariados propriamente ditos, mas também suas famílias, bairros, locais de lazer e moradia. As festas e rituais operários, nesse sentido, são objeto de estudo dentre os assuntos ainda pouco abordados e que merecem análise profunda, já que são locais em que há associação de trabalhadores em prol de uma razão comum, seja o lazer, educação ou organização. Elas não necessariamente têm caráter de classe, como vimos com Batalha, mas podem ter, sobretudo quando se trata de calendário celebrativo e de ligas e associações de classe e ofício.

O Primeiro de Maio, como já dissemos, ocupa um papel privilegiado dentro dessa gama de rituais por se tratar de um evento que exige que haja ao menos identificação entre os pares e motivação suficiente para ir ao encontro de outros trabalhadores, celebrar sua existência de classe internacional ou lamentar sua condição de explorado, ou ainda

preparar-se para lutas mais acentuadas, fazendo um exercício de poder e de auto-organização. Por ocorrer também há mais de cem anos de forma concomitante e de modo geral em quase todos os países do mundo ao mesmo tempo, o Dia dos Trabalhadores é um objeto de análise em qualquer época. Nesse sentido, a qualidade, quantidade e tamanho da manifestação realmente expressaram a organização da classe trabalhadora nos anos em que estudamos e em alguns casos auxiliaram na organização de greves que vieram a seguir. Elementos que contribuíram para essa característica foram a quantidade de população em São Paulo, sua origem étnica, disponibilidade de trabalho e empregabilidade, identificação ideológica, crise econômica, carestia de vida e necessidade, repressão estatal e fatores aparentemente externos à classe, como guerras.

O papel da militância organizada também foi crucial no processo de participação da classe trabalhadora e operária na manifestação. Como sabemos, o Primeiro de Maio foi uma decisão tomada verticalmente, inspirada, claro, por um processo de luta e por uma demanda antiga, mas, ainda assim, proposta justamente pela Social-Democracia, os socialistas da Segunda Internacional. A greve que inspirou a decisão, por sua vez, foi organizada e decidida pelos trabalhadores operários de Chicago também em suas organizações de classe, sobretudo as já citadas *American Federation of Labour* e os *Knights of Labour*.

No Brasil não foi diferente. As manifestações de Primeiro de Maio foram, invariavelmente, organizadas por militantes através de partidos, ligas sindicais e grupos políticos com o apoio eventual de associações de socorro mútuo. Se por um lado os trabalhadores precisam achar justo e se identificar com um evento como esse para participar, por outro a organização desses precede também sua participação, já que são os militantes, sejam anarquistas, socialistas ou sindicalistas, que se associam entre si com o

objetivo não só de conquistar melhorias de vida e demandas de classe, mas também para organizar a própria classe em torno de um ou mais programas, táticas e métodos. Foi também na disputa por essa agrupação e direção que os militantes politizaram debates e trouxeram os trabalhadores para ações com objetivos definidos.

As manifestações de 1895, 1896, 1897 e 1898, por exemplo, têm características muito parecidas. Em primeiro lugar, contam com a participação de lideranças que são orgânicas em relação aos trabalhadores, como Estevam Estrella, Benjamim Mota e Alcibiade Bertolotti, mas não são egressos da classe. Todos, apesar de importantes líderes, eram dirigentes externos que acabaram diminuindo de importância com a chegada de mais imigrantes no início do século XX e com maior participação das ligas, tanto as de resistência quanto as de solidariedade, bem como com o crescimento e consolidação das direções sindicalistas e anarquistas que eram trabalhadores, como Gigi Damiani que era pintor, ou Edgard Leuenroth, que era gráfico.

Nesses anos citados os eventos ainda foram pequenos e reuniram poucos trabalhadores sem que houvesse, por exemplo, uma verdadeira preocupação por parte de polícia e imprensa, ainda que tenha havido repressão e persuasão contra trabalhadores, sobretudo imigrantes e militantes, como a mencionada ação de dispersão antes mesmo de acontecer, em 1894. Apesar disso, também é importante deixar claro que o Primeiro de Maio ocorreu em todos esses anos unificado, como um sinal de que ao menos entre os grupos militantes e organizados da classe trabalhadora essa data foi bem aceita e que havia uma real vontade de consolidá-la. Os atos eram pequenos porque ainda estava se criando uma prática e um ritual, além de a população estar em crescimento, tendo seu *boom* a partir da virada do século.

Os anos em que houve maior participação da classe trabalhadora nas manifestações de Primeiro de Maio foram, não por acaso, aqueles em que houve organização prévia em Ligas ou Associações, ou ainda naqueles em que já haviam processos de greve ocorrendo. Como em 1901, quando os trabalhadores da Viação Paulista iniciaram uma greve no dia primeiro. Ou ainda em 1907, um ano após a criação da FOSP e ano da Greve Geral. Outros exemplos de grande participação de trabalhadores foi nos quatro anos de 1914, 1915, 1916 e 1917, cuja pauta agregava questões laborais e populares, como a questão da carestia da vida, a luta contra a Primeira Guerra Mundial, os preços de alimentos e aluguéis, que se somaram à luta contra o trabalho infantil, noturno para mulheres, as horas excessivas de jornada, baixos salários e desemprego. Em todos esses anos a unidade de classe já estava sendo preparada a partir da criação de Comitês, como os da carestia de vida e contra o trabalho infantil ou contra a guerra.

Os socialistas eram amplamente maioria nas manifestações entre os anos de 1894 e 1902, sobretudo. Os anarquistas eram minoria, mas sempre estiveram presentes e eram bem representados por diversos grupos com variedade ideológica e estratégica. Os sindicalistas eram outro grupo de militantes que passaram a ter maior proeminência com a fundação da FOSP na metade da década de 1910. Para alguns autores, os sindicalistas são uma vertente anarquista e para outros, como citamos aqui, são uma vertente autônoma que não é nem socialista e nem anarquista.

Até 1900 houve unidade de ação nas manifestações, mas após a perseguição e repressão aos militantes em 1899 também começaram a fazer manifestações separadas. Houve momentos em que a manifestação foi em unidade, como nos anos de 1904, 1905, 1906 e 1907, com a criação da FOSP e reorganização das ligas de bairro, ou em 1911 e 1912, com novamente a tentativa de unidade e a greve dos trabalhadores têxteis da Clark.

Nos anos de Guerra Mundial as manifestações também foram conjuntas. O fato de ter havido mais de uma manifestação e o chamado delas não ser unificado não impediu, necessariamente, que os trabalhadores participassem de ambas as manifestações. As lideranças, inclusive, muitas vezes participavam ou ao menos faziam falas de saudação e reconhecimento em espaços que não eram de suas bases. É possível que em diversos anos as reuniões tivessem começado nos bairros e marchado para o centro, mesmo com direções distintas em ambos os locais. Sabemos que isso ocorreu em 1907 e na década de 1910, mas não necessariamente nos primeiros cinco anos do século XX.

Os militantes, portanto, elaboraram tradições diferentes de comemoração. Nos anos de direção socialista a tendência era a de realizar um evento em local fechado, votar uma pauta a ser encaminhada para a câmara dos deputados com as demandas dos trabalhadores e depois dar uma volta com música e oradores pelo centro da cidade. Essa pauta costumeiramente incluía questões de direitos civis, como liberdade de organização e reunião e condições de vida dignas, além de direitos trabalhistas como a jornada de 8 horas de trabalho, salário mínimo e proteção aos trabalhadores. Para os socialistas, a greve ou a violência eram um último recursos - como pudemos ver na fala de Estevam Estrella no ano de 1899, quando buscou afastar as táticas socialistas dos anarquistas. A representação política e a possibilidade de votar em representantes parlamentares e membros do executivo era um programa que gerou certa crise entre os socialistas no Brasil, já que a maioria de sua base era imigrada e não podia ter direito à representação formal. Ainda assim, os socialistas se inseriram em todos os grupos nos quais haviam trabalhadores, mesmo aqueles que não tinham caráter de classe, fator importantíssimo de aproximação com setores até então menos organizados dos trabalhadores. Também formaram diversos outros grupos e círculos de bairros, nos quais as categorias de

trabalhadores estavam divididas a partir de seus locais de moradia, ou ainda outros grupos cuja a organização se dava a partir de locais de trabalho ou de profissão.

A organização a partir de ligas de bairro abertamente socialistas em um primeiro momento auxiliou na realização do Primeiro de Maio, já que em muitos anos, sobretudo a partir da virada do século, com a ampla presença da Liga da Democracia, as manifestações passaram a se organizar ou nas próprias sedes das organizações, ou a partir delas, para caminhar para o centro da cidade em encontro aos outros grupos de trabalhadores. Nos anos em que houve unificação, a prática de se agrupar primeiro em bairro se provou muito interessante, já que podia aproximar o trabalhador de ideias e de oradores, bem como estava mais próxima fisicamente, sendo mais fácil de atrair pessoas. No entanto, isso também contribuiu para facilitar a descentralização das manifestações em anos em que não havia acordo entre os militantes. Em anos em que houve repressão, como em 1908 ou 1918, a descentralização ajudou a fortalecer a resistência nos bairros. Em compensação, em outros anos nos quais não houve, como em 1901 e 1902, a classe não se manifestou em unidade.

Por sua vez, os anarquistas tinham entre seus grupos nesse momento uma maioria que não achava que era válido fazer qualquer reivindicação para o Estado. Por outro lado, também enxergavam que o Primeiro de Maio poderia ser educativo para a classe trabalhadora, então em muitos momentos eram eles que organizavam encontros familiares . Muitas vezes realizadas no dia anterior, 30 de abril, as festas familiares em salões ou em sedes de círculos libertários tinham costumeiramente falas de oradores que explicavam a história do Primeiro de Maio, peças de teatro, música e poesia. Não eram festas propriamente ditas, mas atividades voltadas à educação familiar e lúdicas, que tiveram mais espaço também depois de 1901. Em alguns anos, como em 1908 ou em

1918, com a repressão, elas foram as únicas ações tomadas por eles. Apesar disso, de modo geral, os anarquistas que organizavam o Primeiro de Maio estiveram mais presentes nas ruas do que os socialistas, fazendo manifestações com falas de oradores e maior quantidade de público em locais como Largo São Bento, Largo São Francisco e na Praça da Sé. Os anarquistas acreditavam que, de um lado, a educação poderia ser libertadora e, de outro, que as manifestações tinham potencial de ser a base organizadora de greves e movimentos que poderiam culminar em revoltas ou revoluções.

Entre eles também houve o hábito de relembrar o assassinato dos Seis de Chicago em novembro, através de edições comemorativas de jornais, manifestos e cartazes anexados na cidade ou até manifestações propriamente ditas entre as quais algumas sofreram repressão e prisão de militantes, como as que ocorreram em 1899.

Com a fundação da FOSP, em 1906, os sindicalistas revolucionários mantiveram a tradição dos anarquistas e sempre realizaram as manifestações, seja em unidade, seja separado, no centro da cidade, sobretudo na Praça da Sé, próximas à sede. A diferença de tática entre ambos, no caso, era a razão da manifestação. Para os anarquistas a manifestação era uma experiência de organização, um luto em relação aos *Mártires de Chicago*, uma forma de educação da classe trabalhadora e um momento em que se deveria paralisar o trabalho. O Estado e os governos não deveriam ser mediadores de conflitos e nem ser uma forma de conseguir exigências e nem exigir nada dos proprietários. Os sindicalistas tinham acordo em relação à primeira parte, mas não em relação às exigências à patronal e ao Estado, podendo sim a ação direta e a greve fornecer um ensaio de uma nova sociedade cuja a base era os sindicatos, ao mesmo tempo que os trabalhadores melhoravam suas condições de vida. Desse modo, diferentemente dos socialistas, que tratavam como um dia de festa, e dos anarquistas, que o construíam como

um dia de luta e de luto, eles acreditavam que o evento poderia ser o estopim para uma greve geral, e nos boletins da FOSP e das ligas de trabalhadores que eram associadas a ela, como a dos Sapateiros, Marmoristas, Pedreiros, por exemplo, sempre apareceram chamados e convocações para paralisações e greves no dia. O Primeiro de Maio devia ser um dia de greve e paralisações.

As ligas de trabalhadores assumiram características diferentes ao longo do recorte temporal escolhido. Em um primeiro momento foram estimuladas e organizadas pelos socialistas e ligadas não só aos ofícios, mas também ao bairro onde estavam localizadas. Tornadas espaços de disputa pelas diferentes correntes militantes, as ligas foram adquirindo características que variaram durante esse tempo. Algumas foram assumidas por direções anarquistas e outras eram autônomas em relação à correntes políticas, tendo em sua direção uma maioria de sindicalistas que poderiam, ou não, ser organizados entre socialistas e anarquistas, mas que mantinham o sindicato como uma zona autônoma.

Como se pôde perceber durante o período destacado, houve alguns momentos de organização e reorganização dessas ligas, em torno de novas direções e novas necessidades, como as greves de 1907, 1912 e a de 1917. Em todos os casos, foram as necessidades do momento que forjaram novos princípios e práticas. As ligas também dividiam o mesmo espaço que centros libertários e socialistas a depender do momento. Nem todas as direções dessas ligas eram compostas por trabalhadores. Algumas eram direções profissionais, sobretudo entre os socialistas, que tinham uma organização internacional e conseguiam se sustentar com o auxílio dessa para ter dedicação integral à militância.

Os jornais voltados à informação e à formação dos trabalhadores podiam ter grande ou pequena inserção na base dos trabalhadores, mas se voltavam a debater a condição de

explorado, a oposição à burguesia e outras classes desprovidas, religião, tradição e cultura. Os periódicos auxiliaram na organização da classe trabalhadora, já que também contribuíram com a formação de repertório histórico e internacional. Foi através de jornais que as correntes políticas expuseram os seus programas e debateram umas com as outras fora dos fóruns de vanguarda de direção da classe trabalhadora, de forma pública e acessível, para um setor mais amplo, com a limitação da necessidade de ser alfabetizado, fenômeno que era parcialmente sanado através das conferências que militantes organizados faziam tanto nas ligas e sedes de círculos, quanto no interior do estado e em eventos.

Os jornais também tiveram importância em momentos de agitação focada, como com a divulgação de manifestos e panfletos convocando para o Primeiro de Maio. Por exemplo, como no ano de 1907, com um manifesto escrito pela Fosp que teve uma tiragem de dez mil cópias, tendo nessa convocação também proposta de pauta e de caráter, se festivo ou de luta. Em 1912 também, um manifesto assinado em frente única fundou no dia Primeiro de Maio o Comitê Contra a Carestia da Vida, importante órgão de unidade de anarquistas, socialistas e sindicalistas na defesa dos interesses populares e da classe trabalhadora. Em 1914 o mesmo comitê assinou outro manifesto em conjunto, no qual exigia melhores condições de trabalho, salário e jornada e alimentos a preços acessíveis, com a garantia de procedência e aluguéis com preços congelados. Em 1915, no dia Primeiro de Maio, o manifesto assinado em unidade se proclamava contra a Primeira Guerra Mundial e conclamava os trabalhadores a aderirem a essa posição. A quantidade de jornais rodados, bem como as listas de assinatura, são também termômetro a respeito da participação dos trabalhadores em mecanismos de organização de classe, mas não são, nesse momento, objeto de análise.

Em 1907, tanto a FOSP quanto os socialistas tiveram papel importante na greve. O Primeiro de Maio também foi essencial para aglutinar as demandas em torno da questão principal das oito horas de trabalho. Apesar de nos anos anteriores a redução da jornada ter figurado como uma das demandas, nos anos de 1905, 1906 e 1907 ela foi a principal bandeira. No ano da greve, muitos trabalhadores já haviam parado desde março sob a reivindicação pela jornada de trabalho. A FOSP agitou profundamente a manifestação, distribuindo jornais e manifestos com a história da data e em apoio aos trabalhadores grevistas. É inegável que o Primeiro de Maio foi um elemento importante e agregador da classe, já que a partir do dia 3 a greve se massificou. Esse fenômeno se repetiu na greve geral de 1917, quando da manifestação surgiram outras formas de organização e, menos de 20 dias depois, os militantes, sobretudo sindicalistas, fundaram a UGT.

Muito embora não seja possível afirmar que o Primeiro de Maio foi um evento motivador ou até causador da organização grevista, é possível dizer que ele foi um sintoma da organização da classe em cada um dos períodos citados. No caso de ambas as greves as movimentações já estavam ocorrendo, mas elas ganharam novo fôlego a partir das comemorações do Primeiro de Maio. O elemento mais explicitamente classista, nesse caso, realmente pode ter servido para auxiliar e congregar a partir do grupo e de suas demandas trabalhistas os setores operários que participaram desses eventos.

Desde o início da Primeira República, como sabemos, ocorreu uma imigração mais acentuada que perdurou até a década de 1920. Foi graças a ela que os líderes desse período eram, em sua maioria, estrangeiros. O diretor da FOSP, por exemplo, era Giulio Sorelli, e o principal líder socialista, que se tornou sindicalista, era Alceste De Ambris, ambos italianos. Neno Vasco, que era português, foi outro exemplo. Em momentos como o Primeiro de Maio havia uma preocupação em escrever textos em português, espanhol e

italiano, bem como de ter oradores dessas nacionalidades falando em língua natal. Isso não diminuiu. Ao contrário, aumentou, incorporando também muitas vezes, alemães.

A perseguição aos estrangeiros focada nos militantes, ocorrida a partir de 1908 e depois acentuada a partir de 1912, fruto da mesma lei, gerou impacto na organização do Primeiro de Maio dos dois anos em questão, já que fechou a FOSP, Círculos Socialistas e Ligas de Trabalhadores, além de ter expatriado lideranças socialistas, anarquistas e sindicalistas. Não houve nesses anos manifestações na rua, em público, por exemplo, somente a portas fechadas e discretas. Isso pode se dever ao fato de as lideranças terem sido desarticuladas, mas também não se pode deixar de levar em conta a hipótese do medo que poderia haver entre os trabalhadores e operários. Em 1909, no entanto, apesar de terem ocorrido festas separadas, também houve uma manifestação pública e bem sucedida, marco importante tanto graças à própria reorganização da FOSP, sob direção anarquista, quanto em relação à confiança da classe trabalhadora em si mesma.

Em 1910, a presença de De Ambris na inauguração do busto de Garibaldi gerou uma crise que expôs, novamente, certa tensão étnica, mas além dessa questão óbvia há, ainda, outras reflexões que se podem fazer sobre esse evento. A primeira questão que esse evento levanta é a disputa do Estado em relação à manifestação e ao dia do trabalhador. Muito embora esse interesse já tivesse aparecido na mídia representante da burguesia paulista em anos anteriores, no ano de 1910 ambos os governos, italiano e brasileiro, tentaram pautar o Primeiro de Maio a partir do evento no Jardim da Luz. Isso ficou ainda mais evidente quando no ano seguinte Hermes da Fonseca liberou os trabalhadores da administração pública do trabalho naquele dia. Se o Estado vai sendo cada vez mais visto como meio de interlocução entre trabalhadores e empresários, por parte das organizações de trabalhadores e sindicais, por outro lado ele também começou a tentar manter o

controle sobre a manifestação de alguma maneira, não necessariamente sempre de forma repressora.

A segunda diz respeito à flexibilidade teórica que os grupos militantes apresentavam no período. A imagem e história de Garibaldi estava em disputa por grupos monárquicos, republicanos e por grupos internacionalistas, e todos conseguiam encontrar boas razões para defender seu ponto de vista a respeito dele. Foi isso que sustentou a defesa de De Ambris em relação à sua presença, já que deveria defender a imagem de Garibaldi como um revolucionário e não como um monarquista, como o governo italiano queria. Fez isso, no entanto, às custas da organização da classe naquele dia, trazendo parte dos trabalhadores e, de certa maneira, legitimando o conluio dos governos italiano e brasileiro no esvaziamento da manifestação do Primeiro de Maio. De Ambris moveu-se do socialismo para o sindicalismo, da mesma forma que fez Sorelli, por exemplo.

Foi essa mesma flexibilidade teórica, associada às questões étnicas, que gerou divisões entre as fileiras militantes em relação a uma questão que pode parecer, à distância, um ponto em que não haveria divergência: a participação da Itália na Primeira Guerra Mundial. Para socialistas e anarquistas, e sobretudo para os últimos, a questão internacionalista do proletariado era um ponto chave para a revolução dos trabalhadores. Já parte dos sindicalistas revolucionários e socialista mais moderados (por exemplo, em São Paulo, Piccarolo) viam a movimentação que a guerra poderia causar como uma oportunidade e um flanco aberto para a possibilidade de levantes de trabalhadores, ao menos na Itália. A unidade entre anarquistas e socialistas contra a beligerância pautou e foi direção das manifestações nos dois anos que seguiram e, a partir do início da Primeira Guerra Mundial, contou também com a participação dos sindicalistas de forma mais ativa. Nesse sentido, o proletariado paulista não se mostrava apenas cosmopolita, mas

demonstrava que estava em relação profunda com os trabalhadores num plano internacional e transnacional.

Em todo esse período que compreende as tensões prévias e o início da Primeira Guerra Mundial propriamente dito houve a entrada de pautas no Primeiro de Maio que refletiram tanto a condição quanto a organização dos trabalhadores e de suas famílias em seus bairros contra a carestia da vida, o desemprego, o trabalho infantil e a super exploração do trabalho feminino. Esses debates tornaram as manifestações dos anos de 1914, 1915, 1916 tanto populares quanto trabalhistas e realizados sempre de forma unificada, convocados por uma ou mais das três comissões que se colocavam como direção nesse período: da Carestia da Vida, Contra a Guerra e Contra o Trabalho Infantil.

Como vimos, muitos trabalhadores imigrados transitaram entre o Brasil, outros países da América e a Europa, bem como havia um desejo de retorno presente, com a ideia de trabalhar para acumular certa quantidade de dinheiro e retornar para terra natal. Muitos, inclusive, conseguiram realizar esse desejo, mas outros, a maioria, não retornaram, constituindo família e construindo novas vidas no novo continente. A fixação dos trabalhadores imigrantes em terras brasileiras e o nascimento de novas gerações, se não suplantou as diferenças étnicas, atenuou-as em momentos de organização da classe, como as greves as manifestações de Primeiro de Maio, onde buscou-se amplificar ao máximo os grupos diferentes. Isso aparece com mais clareza no final da década de 1910, sobretudo com a Greve Geral de 1917, que se tratava, principalmente, de melhorias de condições de vida, incluindo salários e demais propostas trabalhistas, mas também demandas populares.

O crescimento dos bairros e o trabalho com as ligas locais, em conjunto com a relação dos trabalhadores com as demandas internacionais, eram fruto de trabalho prévio

realizados nos anos anteriores pelos militantes organizados e foram de fundamental importância para a formação e eficiência dessas, sobretudo no momento da Greve Geral de 1917. Apesar de as greves de 1917 já terem iniciado em abril, o dia Primeiro de Maio organizado pelos comitês, como já dito acima, foi capaz de aglutinar as demandas trabalhistas e populares em torno da manifestação. E talvez o mais importante foi que o comitê aguardou para lançar o programa e a inauguração no dia Primeiro de Maio, fato que demonstra a importância que a data tinha, já que em nenhum outro momento haveriam tantos trabalhadores reunidos juntos quanto nesse dia. Entre maio e junho foram recriadas ou reorganizadas as ligas de bairro e os militantes em conjunto fundaram a primeira central de trabalhadores depois da FOSP, a União Geral dos Trabalhadores, UGT, que se colocou como direção do processo.

O papel do Estado na disputa pelo Primeiro de Maio, se expressou ora em repressão, ora em disputa ideológica. Após a primeira repressão, em 1894, a partir dos jornais de grande circulação podemos perceber que não houve grande oposição do Estado, apesar de ter polícias em todas as manifestações de prontidão. Pelos jornais percebemos que houve tentativa de diferenciar os anarquistas, vistos como perigosos e subversivos, dos socialistas, vistos como moderados. Essa diferenciação seguiu-se até 1899, quando houve dura repressão aos trabalhadores após o incidente com o cônsul no centro da cidade. Após esse ano todas as manifestações no centro da cidade já eram vistas como um incômodo geral, mas as dos bairros por vezes são anunciadas nos mesmos jornais. Compartilhavam das mesmas páginas anúncios de que a polícia estaria de prontidão para reprimir situações de enfrentamento.

Além de 1894 e 1899 já citados, houve repressão aos atos em si em 1911, quando alegou-se que não poderiam acontecer porque era aniversário do cônsul italiano naquela

data, e em 1913, um ano após a piora da repressão da lei Adolfo Gordo. Apesar de esses terem sido os anos em que a manifestação não ocorreu até o final, outras repressões seguiram os atos e/ou os processos de luta de greve dos meses de maio, junho e julho. Em 1907 a Lei Adolfo Gordo expulsou muitos imigrantes do país, além de perseguir outros tantos e causar medo em outros, o que certamente afastou muitos de manifestações e de organizações de classe. A lei de 1907, no entanto, ainda era branda se comparada às alterações que teve em 1912, já que essa primeira ainda permitia que os imigrantes que tivessem filhos, estivessem há mais de dois anos no país ou tivessem emprego fixo pudessem ficar no país. A última alteração citada permitia que mesmo quem tivesse residência fixa no país pudesse ser expulso no caso de o governo considerar que houve grave atentado. As perseguições ocorriam não por causas trabalhistas, mas por outras alegações, como a de Gigi Damiani ter sequestrado uma menina em 1907, ou Edgard Leuenroth ter roubado em 1917, após a Greve Geral – em que pese que esse último não era estrangeiro.

Desde a década de 1910 há uma tentativa do poder público de incorporar o Primeiro de Maio. Em 1924 ele se torna efetivamente feriado, mas antes disso já havia tentativas tanto da parte do governo, como o caso de 1911 com a dispensa aos trabalhadores da burocracia estatal, quanto da parte da patronal, com a realização de piqueniques em terrenos das empresas, a exemplo da do hospital alemão. O trabalhador era um elemento que deveria ser tomado como um ator relevante no cenário nacional, mas isso só ocorreu efetivamente, após a greve de 1917, muito embora já houvesse essa movimentação.

Podemos concluir, portanto, que o Primeiro de Maio no período compreendido pelo longo recorte estudado teve algumas características principais: era uma data de disputa entre militantes de diferentes correntes e, a partir da década de 1910, com parcial

interesse patronal e estatal; expressou as disputas políticas de cada um dos momentos, sendo as duas principais a étnica e, ligada a essa, a da legitimidade de se apoiar ou não a guerra; expressou as principais demandas da classe trabalhadora em um primeiro momento, mas também incorporou demandas populares às suas reivindicações; ajudou a organizar as duas greves mais massivas do período, ainda que não tenham tido papel de estopim ou protagonista nessa organização. A discussão teórica e a disputa pela história, função e direção da data foi de importante valia para a compreensão das linhas políticas e das principais táticas e demandas defendidas pelas correntes de militantes no período, sendo vasta a possibilidade de ampliação desse debate.

FONTES

Amigo do Povo, O (São Paulo - 1901, 1902, 1903)

Battaglia, La (São Paulo - 1911, 1912)

Commercio de São Paulo, O (São Paulo - 1895, 1896, 1901, 1903, 1907)

Correio Paulistano (São Paulo - 1899, 1900, 1907, 1911, 1915)

Estado de S. Paulo, O (São Paulo - 1896, 1899, 1902, 1904, 1910, 1911, 1915)

Germinal, O (São Paulo - 1902)

Guerra Sociale – Periodico Anarchico (São Paulo - 1911, 1913, 1916, 1917)

Guerra Social, A (São Paulo - 1911)

Grito do Povo, O (São Paulo - 1900)

Grito del Pueblo, El (São Paulo - 1899)

Greve, A (Rio de Janeiro – 1903)

Lanterna, A – (São Paulo - 1909, 1911, 1912, 1915, 1916)

Lotta Proletaria, La (São Paulo - 1909, 1910)

Lucta Proletária, La (São Paulo – 1908)

Palestra Social (São Paulo – 1900)

Propaganda Libertaria, La (São Paulo - 1914)

Rebelião, A (São Paulo - 1914)

Risveglio, Il (São Paulo - 1898)

Socialista, O (São Paulo - 1897, 1898)

Scure, La (São Paulo - 1910)

BIBLIOGRAFIA

1890-1990. CEM VEZES PRIMEIRO DE MAIO. Registros 13. Prefeitura do Município de São Paulo – Secretaria Municipal de Cultura - Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo: São Paulo, 1990.

ALVARENGA, Lucas Thiago Rodarte. “Nos bastidores de um jornal anarquista: as mobilizações de um grupo de propaganda para a publicação do jornal A Terra Livre (1905-1910)” *in: Revista Latino-Americana de História*. Vol. 07, nº 19 – jan./jul. 2018

BATALHA, Claudio H. M. “O Movimento Operário Brasileiro e a Inspiração Internacional (1870-1920)” *in: Revista Canoa do Tempo Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas*. v. 5/6 – nº1, jan/dez, 2011-2012

BATALHA, Claudio H.M. “Cultura Associativa no Rio de Janeiro”. *In: BATALHA, Claudio. SILVA, Fernando Teixeira de. FORTES, Alexandre (orgs). Cultura de Classe – Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2005 pp. 106

BILHÃO, Isabel. “A construção da identidade operária brasileira: aspectos de uma trajetória historiográfica (do nacional ao local)”. *In: Revista Mundos do Trabalho*, vol. 02, nº 04, agosto-dezembro, 2010. pp. 218-234.

BILHÃO, Isabel. “Trabalhadores do Brasil!”: as comemorações do Primeiro de Maio em tempos de Estado Novo varguista” *in: Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 62, pp. 71-92, 2011

BIONDI, Luigi. **Classe e Nação – Trabalhadores e Socialistas Italianos em São Paulo – 1890-1920**. Editora da UNICAMP: Campinas, 2011.

BIONDI, Luigi. “Anarquistas italianos em São Paulo. O grupo do jornal anarquista “La Battaglia” e a sua visão da sociedade brasileira: o embate entre imaginários libertários e etnocêntricos”. In: **Cadernos AEL – Anarquismos e Anarquistas**. Nº 08/09. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP: Campinas, 1998 pp.117-149

BRITO, Rose Dayanne Santos de. “Entre a Lei e a Anarquia: a trajetória de um representante das classes proletárias no Brasil do século XIX” in: **Direito & Práxis Revista**. Rio de Janeiro, vol. 09, nº 02, 2018

CARONE, Edgarg. “A II Internacional e seus Congressos” in: **Revista Novos Rumos, número 20 vol. 06**. Marília: Editora da Unesp, 1996.

COHEN, Ilka Stern. “Diversificação e segmentação dos impressos” in: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013 pp. 120

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. Editora Unesp: São Paulo, 2010

COSTA, E. V. da. “Estrutura versus experiência. Novas tendências da historiografia do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha”. In: **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)**. Rio de Janeiro, n.29, p.3-16, 1ºsem. 1990

DEL ROIO, José Luiz. **A história de um dia 1º de Maio**”. São Paulo: Editora Ícone, 1998.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

GEERTZ, Clifford. “Capítulo 1: Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura”. In: **A Interpretação das Culturas**. São Paulo: Zahar Editores, 1978.

GONÇALVES, Cláudia Tolentino. LOPREATO, Christina da Silva Roquette. “A Emancipação do Novo Homem: A moral anarquista e a educação libertária nos escritos de Edgard Leuenroth”. In: **Revista Horizonte Científico**. Vol. 05, nº 02 – Dezembro, 2011

HOBBSAWN, Eric J. **A Era dos Impérios (1875-1914)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. “Lei Adolfo Gordo” In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coords.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Primeira República**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

LEAL, Cláudia Feierabend Baeta. “Em casa, na rua, em toda a parte: anarquistas em São Paulo nos anos 1890”. in: **Revista Perseu: História, Memória e Política**. Nº 02, ano 02, 2008 pp. 124-154

LEVI, Giovanni. “Os perigos do geertzismo” in: **Revista de História Social**. Nº 06. Campinas, 1999. pp. 137-146

LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, pp. 141-142

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. **O Espírito da Revolta (A Greve Geral Anarquista de 1917)**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. “A grande imprensa na primeira metade do século XX”. In: MARTINS, Ana Luiza. LUCA, Tânia Regina de. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2013. pp. 162

PERROT, Michelle. “Capítulo 5: O primeiro Primeiro de Maio na França (1890): nascimento de rito operário”. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. pp. 127-164

QUINTA, Hugo. “Pietro Gori, o anarquismo e o movimento operário argentino (1898-1902)” in: **Revista a Escrita da História**. Vol. 04, nº 08, ano IV. jul/dez, 2017.

SANTOS, Kauan Willian dos. “**Paz entre nós, guerra aos senhores**” - **Anarquistas em São Paulo diante à Primeira Guerra Mundial**. Editora Prismas: São Paulo, 2017

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa – A árvore da liberdade**. Vol. 01. São Paulo: Paz & Terra, 2017

THOMPSON, Edward Palmer. “Costume, Lei e Direito Comum” in: **Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Cia das letras, 2015

TOLEDO, Edilene Teresinha. **Travessias Revolucionárias: Ideias e Militantes Sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)**. Editora Unicamp: Campinas, 2004.

TOLEDO, Edilene. “Um ano extraordinário: Greves, Revoltas e Circulação de ideias no Brasil em 1917”. **Revista de Estudos Históricos**. Vol. 30, número 61. Rio de Janeiro, 2017. pp. 497- 518.

TOLEDO, Edilene. “Em torno do jornal *O Amigo do Povo*: os grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século”. In: **Cadernos AEL – Anarquismos e Anarquistas**. Nº 08/09 pp. 89-115. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. UNICAMP: Campinas, 1998.

VAN DER LINDEN, Marcel. **Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma história global do trabalho**. Campinas: Editoria UNICAMP, 2013.

WERNER, Antonio Federico. “Passado e Presente do Dia 1º de Maio”. In: **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**. Belo Horizonte. Vol. 03, nº 02 – agosto-dezembro, 2005.

